

**Sebastião A.B. de Carvalho**

Do Cenáculo Fluminense de História e Letras - CFHL

# AMARGURA E GÊNIO

## NA VIDA DE EUCLIDES DA CUNHA



RIO DE JANEIRO  
2012

# AMARGURA e GÊNIO na VIDA de EUCLIDES DA CUNHA



**Sebastião A.B. de Carvalho**

Do Cenáculo Fluminense de História e Letras - CFHL



Edição do autor

Rio de Janeiro  
2012

## HOMENAGEM ESPECIAL

Este livro é dedicado à memória do literato, presidente da Academia Fluminense de Letras,

*Edmo Rodrigues Lutterbach,*



emérito euclidianista cantagalense,  
que se dedicou ao estudo e divulgação  
da obra de seu genial conterrâneo..

**Antes de completar dois anos de idade, Edmo foi com os pais residir na Fazenda da Saudade, berço do autor de Os Sertões, Euclides da Cunha, nascido em 20 de janeiro de 1866. Em sua produção literária, há muitos estudos sobre este autor, seu conterrâneo. Edmo Rodrigues Lutterbach tornou-se autoridade sobre o genial escritor, sendo muito requisitado por estudiosos.**

(Extraído do site de Edmo Rodrigues Lutterbach constante da Confraria Virtual de Niterói, mantida na Internet desde 2005. [www.nitcult.com.br/edmozero.htm](http://www.nitcult.com.br/edmozero.htm))

## ÍNDICE

Homenagem especial.....	03
Índice.....	04
Introdução.....	05
Esclarecimento.....	06
Cap. 1 - Solidariedade filial aumenta a tragédia.....	07
Cap. 2 - Em defesa da honra.....	12
Cap. 3 - Euclides em família.....	14
Cap. 4- A mocidade do gênio.....	17
Cap. 5-Defesa da Amazônia brasileira.....	21
Cap. 6 - Campanha de Canudos e Os Sertões.....	27
Cap.7- Imortal: Academia Brasileira de Letras.....	31
Cap. 8 - O esotérico em Euclides da Cunha.....	35
Cap. 9 - São José do Rio Pardo e Cantagalo.....	36
Cap.10- Euclides, exemplo e inspiração.....	38
Cap.11O que Euclides escreveria sobre Cantagalo.....	40

### APÊNDICE I

O estouro da boiada.....	77
O Sertanejo.....	80
Perú versus Bolívia.....	83..
Fotos antigas.....	91

### APÊNDICE II

De Carlos Chiacchio.....	95
De Firmo Dutra.....	97

## INTRODUÇÃO

*Amargura* e *genialidade* foram, entre outros, traços marcantes da vida trepidante de Euclides da Cunha.

Seja no âmbito familiar, seja no profissional, o autor de *Os Sertões* passou por momentos e episódios em que sofreu a dor física ou psicológica, e outros, nos quais a genialidade de um cérebro privilegiado, de uma vasta cultura e de uma aguda intuição prevaleceu sobre as dificuldades da vida.

Pouco importa que nos debrucemos sobre os magnos problemas nacionais para cuja solução Euclides contribuiu, com estudos aprofundados e decisivos, ou sobre o aspecto literário de sua obra, na qual se encontram preciosos subsídios, úteis a todos que querem aprimorar o estilo e a capacidade de descrição ou análise.

Pouco importa que consideremos a condição física ou psíquica de Euclides no âmbito da família ou no profissional, — ambos amplamente analisados e discutidos.

Certo é que *amargura* e *genialidade* estão presentes na vida desse homem extraordinário, que legou à humanidade um imenso tesouro, obra grandiosa que abrange um largo espectro de conhecimentos, e um dignificante exemplo de tenacidade, competência e patriotismo.

## Esclarecimento

Não poderíamos deixar de consignar nossa dívida com jornalistas que no passado se dedicaram à divulgação da vida e da obra de Euclides da Cunha, notadamente o Sr. Brício de Abreu, diretor do autodenominado grande hebdomadário brasileiro, intitulado DOM CASMURRO, edição dedicada a Euclides da Cunha,

Na edição de maio de 1946, em seu ano X, esse interessante informativo publicou matérias valiosíssimas, cobrindo os principais acontecimentos da vida do genial autor de OS SERTÕES.

Textos e fotos, inclusive raras, encontramos nessa edição de DOM CASMURRO, algumas reproduzidas neste nosso trabalho.

As demais fontes das quais extraímos informações foram, além da revista DOM CASMURRO, os livros de Euclides da Cunha e sites da Internet, com destaque para o Wikipedia.

Procuramos colocar, em cada capítulo, a nossa visão da vida e da obra de Euclides, que tanto admiramos, e cuja memória cultuamos desde quando, ginásianos, éramos alunos da talentosa euclidiana, professora Amélia Tomás, que dividia conosco a redação do jornal O NOVO CANTAGALO nas décadas de 1950 e 1960.

Amélia Tomás mantinha em nosso jornal, a Coluna Literária, onde analisava obras de ilustres literatos do Brasil e do exterior. Professora de Português no Ginásio Euclides da Cunha, em Cantagalo, organizou um concurso literário sobre Euclides, do qual participei. Infelizmente, devido a problemas de patrocínio, ela não pode concluir o concurso, com a entrega dos prêmios!...

De qualquer forma, foi uma experiência válida, na tentativa de se fazer algo pela divulgação da obra do nosso genial escritor.

*Sebastião A. B. de Carvalho*  
mahabhtani@yahoo.com.br

# 1. Solidariedade filial aumenta a tragédia

A angústia de Euclides e seus filhos atingiu ao máximo naquele fatídico domingo chuvoso, quando se desenrolou o drama do bairro da Piedade.

No paroxismo do sofrimento, por ter certeza de que sua mulher o traia, e com alguém que seria um protegido da família, Euclides foi acompanhado por seus filhos, que com ele se solidarizaram, mesmo quando ainda não tinham pleno conhecimento do drama vivido por seus pais.

Quidinho, o junior de Euclides, escreveu, em 1944, um artigo, no qual relata a tragédia da Piedade, falando de seu sofrimento por suspeitar da própria mãe, e por sentir o drama de seu pai, cujo comportamento, embora reservado e contido, deixava transparecer uma inquietude preocupante...

Ataca Dilermando, considerando-o um traidor e assassino covarde, lamentando que a justiça tenha cometido o absurdo de absolve-lo, alegando legítima defesa.

Conta Quidinho: *“Dilermando, vendo que meu pai atirava, ou antes dava ao gatilho, sem que houvesse munição, armou-se com um revólver Nagant, calibre 42, e dispôs-se à luta, ou antes, ao assassínio covarde, que ia praticar...”*

Sólón, o filho mais velho de Euclides, havia se deslocado para a casa da Piedade em busca de sua mãe, resolvido a convencê-la a retornar para o lar, que deixara com a desculpa de desentendimento com o marido. Sólón encontrava-se no alpendre existente nos fundos da casa, onde passara a noite, “*carpindo*



*sua dor de filho abandonado e desprezado por sua mãe!...*” esperando que ela mudasse de idéia.

Foi então que, ouvindo disparos, correu para o interior da casa e, vendo que seu pai era o alvo, atirou contra Dilermando, mas foi atingido

com um soco na nuca, por Dinorah, que, embora ferido, conseguiu pô-lo fora de combate.

Euclides acorreu em defesa do filho, porém foi atingido no braço por uma bala desferida por Dilermando. Com o braço quebrado, ele vai em procura da mulher infiel, pretendendo matá-la, mas não a encontra. Pensa então em retirar-se, quando é atingido pelas costas com um tiro mortal, desferido por seu desafeto.

Segundo relata Quidinho, seu pai, prestes a exalar o último suspiro, atendeu aos rogos do assassino, perdoou-o, dizendo: “*Odeio-te, mas te perdoo!*”

Euclides perdoou, mas o filho, não! Escreveu: “*O perdão é digno das grandes almas. Porém perdoar aos que não merecem é coisa que não deverias fazer! A justiça não procedeu como devia. Quem deverá castigar semelhante crime? O futuro dirá!*” (Rio de Janeiro, 2 de julho de 1916).



Escrito e feito! Dois dias após escrever este texto, o filho caçula do escritor procurou fazer justiça com as próprias mãos.

Defendido pelo famoso jurista Evaristo de Moraes, Dilermando havia sido absolvido, em 5 de maio de 1911. No dia 4 de julho de 1916, quite com a Justiça, em relação ao processo de homicídio, chegou ele, por volta das 13 horas, ao Cartório do 2º Ofício da 1ª Vara de Órfãos da então capital da República,.

Queria conhecer sobre a decisão que fora proferida por parte do juiz, a propósito da tutoria do menor Manoel Afonso Cunha. Estava lendo os autos, apoiado num corrimão, quando, repentinamente, ouviu uma detonação e, ato contínuo, sentiu-se ferido! As pernas fraquejaram e a vista escureceu. Voltando-se, divisou alguém vestido como aspirante da Marinha. Era Euclides da Cunha Filho, o Quidinho, o único aspirante da Marinha que podia tentar contra sua vida. Por se tratar de um filho da mulher com quem há pouco se casara, e portanto um irmão de seus próprios filhos, procurou retirar-se, buscando a porta da rua... Mas Quidinho continuava a atirar, ferindo-o, e ninguém o socorria! Com esforço sacou de sua arma, um revólver calibre 32, disparando contra seu agressor que ainda estava de revólver em punho. Morria o aspirante Euclides da Cunha Filho, ao tentar vingar a morte do pai.

Os primogênitos da família Pimenta da Cunha foram sempre unidos. Arnaldo Pimenta da Cunha e Nestor Pimenta da Cunha mostraram-se solidários nos transe amargurados da saudade e do desvelo. Defenderam a memória do ilustre escritor e querido parente. Cuidaram dos funerais com grande desvelo, comparável ao tratamento prestado a Machado de Assis. Ocorreu um episódio envolvendo Coelho Neto, que causou celeuma entre os amigos de Euclides. Coelho Neto, à beira do túmulo, falou em “refúgio anônimo”, referindo-se à situação dos restos mortais de seu finado amigo. Na verdade, essa expressão não tinha razão de ser, pois Euclides seria para sempre lembrado como um dos grandes expoentes da nacionalidade!

É claro que Coelho Neto não tinha a intenção de diminuir a glória de seu amigo. Talvez a visão do corpo daquele que em vida tenha se movimentado por tantas latitudes, e agora jazia inerte, baixando à sepultura, o tenha influenciado a ponto de fazer aquela declaração. O mal entendido, todavia, não tardou a ser resolvido por parentes e amigos.

A família de Euclides era bastante unida. Seus filhos admiravam e amavam o pai, ilustre e conceituado no país e no exterior.

Os fortes laços filiais faziam refletir na prole os sentimentos de decepção, angústia e ódio que extravasavam do homem, traído pela mulher escolhida para mãe de seus filhos! Assim, os rapazes chamaram a si a missão de vingança, agasalhada por seus egos torturados pelo sofrimento da grande e irreparável perda.

Como aceitar que a vida continuasse a fluir normalmente, após o terrível desenlace?

Como encarar parentes, amigos, a própria sociedade e o mundo, se deixassem impune o cruel assassino de seu pai?

Como deixar-se ao repouso, à noite, na solidão do quarto, quando a mente se alvoroça em desencontrados sentimentos e confusas ideias, na recordação daqueles fatos dantescos do assassinato de seu pai?

Não! Permanecer inerte nesta situação é inconcebível! É simplesmente extrema covardia!

Assim devem ter-se agitado as mentes dos filhos de Euclides, quando tentaram pôr fim à vida de Dilermando...

Não foram bem sucedidos em seus objetivos, mas cumpriram com o que consideravam de extrema importância e inelutável realização!

Ambos pereceram pelas armas do assassino de seu pai!

## 2. Em defesa da honra

A família, atingida pela tragédia, unira-se em defesa da honra, ultrajada pelo adultério.

“Mataram meu filho! Mas estou satisfeito, porque ele morreu em defesa de sua honra e do seu nome. Foi um digno!”

Assim se expressou o pai de Euclides, após recompor-se, tendo recebido a triste notícia da morte do filho.

Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha era poeta. Escreveu, em Cantagalo, nos idos de 1874, quando Euclides tinha apenas oito anos de idade, versos a Castro Alves, patrono da cadeira que Euclides veio a assumir, trinta anos depois, na Academia Brasileira de Letras.



Ao investir contra Dilermando e sua esposa infiel, Euclides agiu de acordo com o pensar corrente no início do século: a honra deve ser preservada a todo custo, até mesmo lavada em sangue! Assim, aquilo que hoje se resolveria com o divórcio, a separação legal, resultou em grande tragédia!

As palavras do pai, proferidas em momento de sofrida emoção, denota a dimensão desse sentimento, pois, embora atingido pela dor da perda irreparável de seu ente querido, ele

afirma que *está satisfeito*, por ter sido lavada a honra do filho e da família.

Há inúmeros exemplos dessa luta pela honra, pelo orgulho pessoal e de família, pela preservação do bom nome, penosamente conquistado. Os famosos duelos da Idade Média constituem-se, talvez, no mais conhecido e ilustrativo, com o qual se resolviam as pendências à ponta de espada ou tiros de pistola!

Os casos de infidelidade ocupam posição de destaque no histórico das querelas resolvidas à base da violência, com a eliminação física do ofensor... Ou do ofendido!

Euclides buscou vingança, atendendo aos reclamos de seu ego, conturbado pela angústia e pelo ódio, e instado pelas exigências da moral e dos costumes vigentes à época!

Sendo um homem público, de notória importância nacional e internacional, não poderia aceitar outro desfecho que não o de lavar a honra com sangue!

Deve-se levar em conta, ao analisar esse triste desenlace, o caráter explosivo do escritor, capaz de atitudes drásticas, quando desafiado em questões de foro íntimo -- familiares ou não -- do que é exemplo o episódio no qual, estando em forma, diante do ministro da guerra tentou partir o sabre e, não conseguindo, atirou-o aos pés da autoridade!

### 3. Euclides em família

As dificuldades de uma vida errante e o nervosismo que caracterizavam a personalidade de Euclides contribuíram para que ele assumisse atitudes radicais, na defesa de seus ideais.

Dos seus ascendentes, pelo lado materno, especialmente, os que residiam no Estado do Rio, há referências pormenorizadas. Os da Bahia, são a avó paterna, D<sup>a</sup>. Tereza Maria de Jesus Viana, casada com Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha, português. Ao enviuvar, contraiu núpcias com Joaquim Antonio Pereira Barreto, baiano.

Do primeiro consórcio nasceram os seguintes filhos: Manoel, Antonio e José Rodrigues Pimenta da Cunha, e três filhas: Tereza Maria de Jesus, Maria Apolônia de Jesus e Mariana de Jesus. Houve, ainda, cinco filhos que cedo vieram a falecer. Ao todo onze, dos quais os três primeiros, homens, foram os únicos que se casaram, deixando descendentes.

Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha, filho mais velho, pai de Euclides, sobreviveu aos seus dez irmãos. No ano de 1909, faleceram: José, em 13 de fevereiro, Euclides, em 15 de agosto, e Manoel em 6 de outubro. Do segundo matrimônio descenderam: Joaquim Antonio, Justino e Francisco Pereira Barreto, homens, e Maria Amélia e Constança Amélia Barreto.

Euclides contava três anos e meio quando perdeu a mãe, Eudóxia Moreira da Cunha, em 1º de agosto de 1869. Ele e sua irmã, Adélia, órfãos, foram então levados para a casa dos tios maternos, Rosinda e Urbano, que residiam em Teresópolis.



Fazenda da Saudade em Cantagalo RJ, onde nasceu Euclides

Ao falecer Rosinda, nova mudança, desta vez para a Fazenda São Joaquim, em São Fidelis, pertencente a outros tios maternos: Laura e Cândido José de Magalhães Garcez. Euclides começa seus estudos no Instituto Colegial Fidelense, contando oito anos de idade.

Apenas três anos após, em 1877, o rapaz está residindo com sua avó paterna, na antiga cidade de Todos os Santos, futura Salvador, capital do Estado da Bahia. Frequenta o Colégio Bahia, então dirigido por Ernesto Carneiro Ribeiro, mestre de Ruy Barbosa. Mas em 1879, é levado para o Rio de Janeiro instalando-se na residência do tio paterno, Antonio Pimenta da

Cunha, no Largo da Carioca. Inicia-se, então, uma nova etapa em sua vida.

Desde cedo Euclides conheceu a vida errante, de mudanças, que a família era obrigada a fazer, em luta pela sobrevivência. Em sua vida adulta, continuou a viajar, agora no atendimento a exigências de trabalho.

Sobre a função de engenheiro, falou da “engenharia ambulante” que o levava a passar meses em diferentes latitudes desse país imenso!

Mas Euclides foi muito mais do que um engenheiro! Foi um desbravador e missionário, que contribuiu para a expansão dos limites do Brasil!

A instabilidade familiar, aliada a um temperamento nervoso, agitado, plasmou um futuro eivado de episódios violentos, intempestivos...

Mergulhado em altos estudos da cultura universal, empenhado no desbravamento do país, em termos literários, geopolíticos e sociais, Euclides da Cunha reagiu de modo radical em momentos de crise, atendendo a esses fortes condicionamentos.

Talvez esses antecedentes expliquem seu comportamento nas situações limites da vida.



## 4. A mocidade do gênio

Sofrendo as vicissitudes de uma vida errante, com sucessivas mudanças de domicílio, em casas de parentes, especialmente após a morte da mãe, conhecendo diferentes cidades, escolas e moradias, Euclides acha refúgio no estudo, na ciência, sua mais íntima paixão.

Recolher-se nos livros e deixar-se absorver na observação da natureza, é o que lhe apraz. Sua inteligência, ágil e profunda, possibilita a penetração nos intrincados meandros da realidade. Seu temperamento arredo e um tanto solitário, porém impetuoso, contribui para lhe abrir as portas do conhecimento.

O gesto de rebeldia assumido perante o ministro militar do Império, colocou-o em excelente situação com o advento da República. E foi readmitido na Escola Militar a 19 de novembro de 1889.

O ministro da Guerra é, agora, Benjamin Constant, seu antigo professor, Pouco depois, já no governo do marechal Floriano Peixoto, é-lhe oferecida a oportunidade de escolher a posição que bem quisesse no novo regime. Todavia, Euclides se contenta em aceitar o que a lei prevê para engenheiros iniciantes: estágio de um ano na Estrada de Ferro Central do Brasil.

Euclides casa-se com Ana, a Saninha, filha do major Solon Ribeiro e, conseguindo uma licença para tratamento de saúde, parte, com sua mulher, para a fazenda de café de seu pai, em Belém do Descalvado.

Voltando ao Rio de Janeiro, não demora a ser promovido a primeiro-tenente do exército. Início de 1893.

Freqüenta, então, vários estabelecimentos de ensino: Colégio Anglo-Americano, no Rio de Janeiro, Colégios Vitória da Costa e Meneses Vieira. e Colégio Aquino. Neste, vem a

publicar seus primeiros artigos, colaborando no jornalzinho “O Democrata”.

Contava dezenove anos de idade em 1885, quando foi aprovado para ingresso na Escola Politécnica e, no ano seguinte, assenta praça na Escola Militar da Praia Vermelha.

Agora, o rapaz idealista e ardoroso defensor da democracia e da república, está em contato com os grandes defensores desses ideais, já muito disseminado entre alunos e professores. A genialidade de Euclides faz com que perceba com clareza a importância do momento vivido pela nação brasileira, e ele não se faz de rogado. Assume uma posição corajosa e definitiva diante da autoridade repressora.

Quando, diante do ministro da guerra, em solenidade organizada para evitar que os cadetes manifestassem solidariedade ao tribuno Lopes Trovão, que chegava da Europa, Euclides tentou quebrar sua espada, e, não o conseguindo, atirou-a aos pés da autoridade, — selava ele o seu destino.

Perseguido pelo regime decadente, foi expulso da Escola e internado num hospital. Mas quando ocorreu a vitória do movimento republicano, os ventos passaram a soprar a seu favor, sendo reintegrado e promovido.

Julgado pelo Exército, Euclides manifesta-se corajosamente como republicano e democrata, sendo expulso. Inicia em 1897, uma profícua fase de atuação jornalística em São Paulo, usando sua inspirada pena, sob pseudônimo, na propagação daqueles ideais. Seus artigos contribuem para a conscientização do povo naquele momento crucial para os destinos da nação.

Sobre a mocidade de Euclides, dá-nos o General Cândido Rondon um valioso depoimento. Diz ele que o culto à memória do escritor *“se mantém pelo seu próprio peso, e não pelo calor e brilho de uma palavra evocativa de fortes emoções, brotadas do selo de fulgurantes arroubos de grandiloquentes discursos.”*

Rondon, reportando-se ao período de sua vida, de 1886 a 1889, fala sobre personalidades marcantes que atuavam na Escola Militar da Praia Vermelha, onde estudava Euclides da Cunha. Alonga-se em considerações sobre o papel de Benjamin Constant na preparação do povo para o advento da República.

Comenta que o emérito professor era *“a personificação acabada de todas as grandezas que podem embelezar o coração e a alma de um homem eminente que domine o cenário e dá ao tempo a sua feição cavalheiresca e heróica.”*

Ainda segundo Rondon, *“Euclides recebeu a impressão fortíssima desse momento indelével da nossa história; ele viveu nesse meio em que, ao fogo da vasta instrução científico-filosófica, forjaram-se os espíritos de alta têmpera da geração militar que teria de presidir à transição do antigo exército semi-colonial do nosso desajeitado regime imperial, para o Exército Republicano, consciente da sua missão social e política, que se vem formando, agora sob nossos olhos.”*

Benjamin Constant era mestre da Igreja Positivista no Brasil, que, com sede na cidade do Rio de Janeiro, congregava muitos dos militares envolvidos na causa da república. Essa instituição, fundada pelo francês Augusto Comte, que a dirigiu com sua consorte e sacerdotisa, Clotilde, manifestava-se como *a religião da humanidade*, e influenciou os militares brasileiros a ponto de inscreverem, na nova bandeira do Brasil, o lema positivista *Ordem e Progresso*. Augusto Comte, autor da Filosofia Positivista, na qual esboçou uma análise abrangente da evolução da humanidade, com a sua Lei dos Três Estágios, foi o criador da Sociologia,

estabelecendo bases gerais para o desenvolvimento da nova ciência, que veio a receber contribuições preciosas de estudiosos do quilate de Emile Durkheim, Herbert Spencer, Le Play, Gabriel Tarde, Vilfredo Pareto, Max Weber e outros.

Os discípulos de Benjamin Constant, por ele encaminhados à fonte da sabedoria, sorviam os ensinamentos divulgados nos folhetos do apostolado positivista do Brasil, onde sobressaiam pessoas do porte de pensadores como Miguel Lemos e Teixeira Mendes.

No ambiente frequentado por Euclides, os problemas nacionais eram analisados à luz da moderna visão dos estudiosos, filósofos e sociólogos, e encaminhados aos que dirigiam a nação. Euclides, diferentemente de seus pares, que sabiam como refrear seus ímpetos, esperando ocasiões propícias para se manifestarem, *“nada temperava, nem media a ânsia de aplicar, de traduzir em atos as conclusões quaisquer a que o conduziu a dedução dos princípios adotados”*. Isto explica o famoso ato de indisciplina perante o ministro da guerra do Império, e também a atitude intempestiva contra sua mulher e o amante, que culminou com a morte do escritor.

## 5. Defesa da Amazônia brasileira

Republicano de primeira hora, Euclides dedicou-se também à defesa da Amazônia brasileira, e aos limites territoriais de seu país.

Eu 1903 o Brasil viveu um duplo dissídio sobre a bacia amazônica: com a Bolívia, que não se conformava com a conquista do Acre pelos brasileiros, sob o comando de Plácido de Castro, e com o Peru, que, aproveitando-se de nosso desentendimento com a Bolívia, invadia territórios que ocupávamos pacificamente, alegando antigas reivindicações de mais de três séculos.

Considerado, com justiça, como o grande dilatador de nossas fronteiras, o Barão do Rio Branco, com o Tratado de Petrópolis, assinado a 17 de novembro de 1903, conseguiu impedir a luta que perturbaria a paz na América.

Resolvida a questão do Acre, restava a ocupação efetuada pelo Peru, de partes do território nacional no alto Purus, no Rio Chandless, e do alto Juruá, na foz do Amonea. Parecia que o Peru considerava a ocupação como definitiva, como indicavam as instalações lá erigidas.

Duas expedições militares restabeleceram nossa posse nos territórios ocupados nos altos dos rios Purus e Juruá. Tal ocorreu após violentos combates na foz do Amonea, culminando com a expulsão definitiva dos invasores.

Expulsos os invasores, tratou o governo brasileiro de aprimorar o conhecimento geográfico daquela região. Criou, em 12 de julho de 1904, duas comissões de reconhecimento geográfico, objetivando dirimir dúvidas que haviam gerado conflitos internacionais. Euclides da Cunha foi nomeado chefe e primeiro comissário brasileiro da Comissão de Reconhecimento e Exploração do alto Purus. Ele estava vivamente interessado na questão da Amazônia, após a rica experiência vivida no sertão.

Eis porque se aproximou do Barão do Rio Branco, ministro das Relações Exteriores, que o nomeou. Instalando-se

na região conflituada, procurou obter uma visão sociologicamente correta, sem os preconceitos dos intelectuais citadinos.

Recebendo o relatório de Euclides, em 1906, o Barão do Rio Branco convida-o para trabalhar como adido ao ministério, em seu gabinete. Não tardam a serem publicados seus livros: *Contrastes e confrontos*, pela Livraria Chardron, do Porto, Portugal, e *Peru versus Bolívia*, uma coletânea de artigos. Afrânio Peixoto pede-lhe que prefacie o importante *Inferno Verde*, relato amazônico, de Alberto Rangel.

Sua genialidade, mais uma vez, coloca-o em excelente situação em concurso prestado, com outros 15 concorrentes, para a cadeira de Lógica do Colégio Pedro II. Fica em segundo lugar, com o tema “Verdade e Erro”, logo abaixo do filósofo Farias Brito. Todavia, levando em consideração os relevantes serviços prestados ao Brasil pelo autor de *Os Sertões*, Rio Branco e Coelho Neto intercedem a seu favor, junto a Nilo Peçanha, então presidente da república, é Euclides quem recebe a cadeira - e não o filósofo vitorioso no concurso.

Em julho de 1908, entrega as provas de *À Margem da história*, aos editores Lello & Irmãos. O livro, póstumo, foi publicado em setembro.

A dedicação de Euclides à causa dos limites do Brasil, assombra, ainda hoje, a todos quantos leiam sobre as expedições que chefiou. Um companheiro desbravador, que privou da companhia do escritor, a partir de 1904, quando Euclides chegou a Manaus, Firmo Dutra, escreveu uma página de entusiasmada admiração, descrevendo e exaltando as qualidades daquele que, segundo seu entender, era “...grande em sua glória imortal e sob um aspecto novo, o único que viveu nas páginas eternas que escreveu” e possuía “a face cristalina de seu espírito investigador de homem de ciência, de estudos; a face que o levou a deixar na sua esteira iluminada, a bagagem formidável que não é de um homem que faz literatura, mas

*de um inquieto, de uma formação íntima e fecunda, que se não perde no diletantismo de escrever.”*

Ainda segundo Firmo Dutra, a verdadeira vocação de Euclides era a defesa da pátria e o esforço em bem servi-la, o que ficou evidenciado desde seu trabalho de jornalista em Canudos, quando se inspirou e preparou para produzir o monumento literário que intitulou de *Vendéia*, e depois *Os Sertões*, e de maneira também grandiosa, o cumprimento cabal da missão confiada pelo Barão do Rio Branco, de produzir subsídios para o estabelecimento preciso e definitivo dos limites do Brasil.

Nesse trabalho extraordinário, quando arrostou perigos sem conta, Euclides, com um punhado de abnegados companheiros, conseguiu, com ingentes esforços, atingir a pontos extremos, nunca dantes percorridos pela civilização.no interior inexpugnável da floresta amazônica.



Paisagem amazônica

O valor desse trabalho superior grangeou para o nosso homem de ciência um grande prestígio, que o ajudou a prosseguir atuando no Itamaraty, na fase seguinte, em que os dados obtidos no campo teriam que ser analisados, chegando-se a importantes conclusões.

Importa destacar a atuação de Firmo Dutra, em seu relacionamento com Euclides e com outro renomado escritor, o valoroso Alberto Rangel.

Firmo conhecera Alberto na Escola Militar da Praia Vermelha, Rio de Janeiro, mas tornara-se seu amigo mais tarde, quando, em junho de 1904, se encontraram, por acaso, na embocadura do rio Moa, extremos limites do Brail, nos contrafortes andinos. Rangel, doente, descia o rio, após longa estadia no Juruá-mirim, onde mediu e demarcou seringais. Firmo ali se achava em missão oficial, cujo objetivo era a ocupação da região da embocadura do rio Amonea, invadido por forças do exército peruano.

No último capítulo do monumental livro “Inferno Verde”, Alberto Rangel fala de seu encontro com Firmo, que veio a conhecer Euclides da Cunha em Manaus, quando este estava residindo com Alberto Rangel, em seu chalé “rustico e romântico”, situado perto do reservatório do Mocó, “onde ainda se encontrava a mais extraordinária flora desse vale amazônico, que é um Paraíso Perdido, na frase lapidar de Euclides”.

Em seu interessante relato, Firmo dá conta das providências tomadas por Euclides para se desincumbir da missão a si confiada pelo governo brasileiro. No primeiro período, passado em Manaus, Euclides residiu no escritório da Comissão, preparando a marcha para as ignotas paragens que iria desbravar, e, para um necessário repouso, na Vila Glivínia, onde descansava o corpo, mas não deixava de se atormentar com o que Firmo descreve como “visível sofrimento íntimo”.



Com o que estaria Euclides sofrendo tanto?

Provavelmente sabia do que ocorria no Rio de Janeiro, entre sua mulher e Dilermando de Assis... Sentindo o peso da responsabilidade assumida quando se dispôs a chefiar a Comissão dos Limutes, e ainda açoitado pelo agulhão da infidelidade, ele vivia momentos tormentosos, mas perseverava em sua marcha, que se iniciaria em momento desaconselhado, mas fôra mantida pela sua alta determinação patriótica!

Terminados os trabalhos preliminares, dever-se-ia, agora, arrostar a grande dificuldade de palmilhar mais de três mil quilômetros, marcha que se iniciaria em momento desaconselhado, pois que estava próxima a vasante dos rios. O relato dessa contingência encontra-se em seu Relatório de 1906.

Durante os três meses passados em Manaus, Euclides recolheu preciosas informações sobre a região: Documentos encontrados na biblioteca do Estado, arquivos do palácio do governo, mapas, roteiros e desenhos produzidos por estudiosos nacionais e estrangeiros, valorosos exploradores daquela terra ignota.

A importância do trabalho desenvolvido por Euclides da Cunha na Amazônia, reconhecida por todos, avulta ainda mais no momento presente, quando o mundo assiste, estupefato, às guerras de conquista em que nações poderosas usam arsenais descomunais, não hesitando em bombardear cidades inteiras -- para dominarem países, a fim de se apoderarem de seus recursos naturais.. Mas a guerra explícita não é o único recurso usado pelas superpotências em suas investidas contra países. A diplomacia, a economia e a espionagem, além da infiltração legal, com a aquisição de grandes extensões de terras, -- são recursos amplamente utilizados.

Se Euclides ainda estivesse entre nós, certamente se escandalizaria, diante do cinismo e da crueldade dos atuais con-

quistadores, que usam bandeiras politicamente corretas como democracia, liberdade de expressão, cidadania, defesa do meio-ambiente e quejandos, para justificar suas ações beligerantes!

E isso sob o beneplácito da Organização das Nações Unidas (ONU), que foi criada para promover a paz, mas na verdade toma partido por um determinado bloco de nações, aprovando e até promovendo a guerra!

.

## 6. A campanha de Canudos e *Os Sertões*

Euclides queria uma República justa, tolerante e firme nos propósitos democráticos. Compreendeu a problemática de Canudos, e lamentou o morticínio desnecessário.

Enviado pelo jornal *O Estão de São Paulo*, para o sertão baiano, a fim de cobrir a revolta que, liderada por Antonio Conselheiro, preocupava o governo da república, Euclides da Cunha teve a grande oportunidade de aplicar seus vastos conhecimentos de geografia, sociologia, e outros ramos, a uma realidade que desafiava o poder central do país.

As causas que deram origem ao movimento de Canudos foram: o abandono em que os governos deixaram o interior, e a pobreza das populações e sua ignorância em relação ao país como um todo.

Tanto as oligarquias interioranas como a opinião pública da capital federal, manipulada pelos meios de comunicação, consideravam o movimento de Canudos como séria ameaça à república. Eis porque para lá foram enviadas nada menos que quatro expedições militares.

Canudos, é, para Euclides, “a nossa Vendéia” comparável ao movimento que camponeses franceses realizaram, um século antes, contra a revolução de 1789. Não aceita o modo como são tratados os cablocos do interior, vítimas de covarde carnificina, por parte do poder militar.

Euclides regressa do palco da guerra, doente, enfraquecido física e moralmente, mas seu temperamento aguerrido faz com que assuma uma atitude de vingança contra a terrível injustiça. Resolve escrever um livro revelador e justo, que mostre ao mundo o caráter do sertanejo e a verdadeira face da repressão.

CANUDOS - Esta é uma foto moderna da cidade de Canudos, cenário do conflito objeto de reportagens de Euclides da Cunha, e que redundou na escrita de *Os Sertões*, obra monumental, que lançou um libelo contra a prepotência dos governos sobre minorias políticas! (Foto de José Cardoso).



ANTONIO CONSELHEIRO - O líder religioso de Canudos, que foi trucidado pelas tropas governamentais.



Baseado em seu *Diário de uma expedição*, e ainda no que pudera ler, Euclides lança-se à elaboração de *Os Sertões*, que escreve nos momentos de folga de seu trabalho de engenheiro, especialmente quando em São José do Rio Pardo, onde aproveita “quartos de hora, nos intervalos de minha engenharia fatigante e obscura “. Auxilia-o com dados preciosos, o amigo Teodoro Sampaio, assim como Francisco Escobar, incansável colaborador.

Em *Os Sertões* temos uma visão diametralmente oposta à dos intelectuais da capital federal e dos representantes das oligarquias interioranas. Também oposta aos preconceitos raciais vigentes na época, quando se considerava o caboclo como um ser inferior. As elites queriam uma modernidade embranquecida, julgando que sertanejos, negros e pardos, deveriam desaparecer, face ao progresso...

A obra de Euclides, após ter sido negada sua publicação nas colunas de “O Estado de São Paulo”, foi aceita pela Livraria Laemmert, do Rio de Janeiro, que o lançou em 2 de dezembro de 1902, com financiamento do próprio autor. A edição definitiva foi um sucesso de vendas e de crítica, abrindo ao seu autor, as portas da Academia Brasileira de Letras. Foi também nomeado sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Nunca é demais ressaltar o caráter pioneiro de Euclides, ao escrever esse monumento que é *Os Sertões*. Ele compreende todos os segredos da Terra, o flagelo e a desventura daquelas populações, e vai ao fundo do problema social. Antes porém de abarcar a problemática humana, define a essência física e estrutural do ambiente, para só então, na qualidade de historiador e sociólogo, enfrentar, descrever e analisar o drama de Canudos. Mas Euclides vai muito além! Ele nos mostra como o ataque a Canudos não foi apenas um ato punitivo contra rebeldes, mas uma guerra do litoral contra o sertão.

A história pode ser assim resumida: Antonio Conselheiro era um místico fanático, que se dedicava a produzir interpretações pessoais das escrituras, e criticar atos do poder central da República. Era contra o pagamento de tributos, pois considerava-os abusivos, prejudiciais à economia local.

Assumindo postura messiânica, vivia promovendo a restauração e a reconstrução de igrejas, conseguindo os recursos necessários com sua pregação religiosa.

Achando que a autonomia das municipalidades, trazida pelo novo regime, provocaria um grande aumento dos impostos, pregou a insurreição, promovendo a destruição dos editais de impostos, afixados nos locais de costume.

Vencendo a luta contra a polícia, Conselheiro resolveu, para maior segurança, retirar-se com seus companheiros para Canudos, uma aldeia, mais para o interior. Esperava não ser ali importunado!

O governo aceitou o desafio. Seguiram-se quatro expedições militares, envolvendo cerca de 6.000 homens, dos quais aproximadamente uma quarta parte foi eliminada pelos jagunços, em ferrenhos combates.

Mas finalmente, com a quarta expedição, os republicanos venceram! Os partidários de Antonio Conselheiro, e ele próprio, foram trucidados, e, para servir de exemplo, a cabeça decapitada do líder foi exposta em local público, numa selvagem demonstração de poder!...

## 7. O imortal da Academia Brasileira de Letras

Na Academia Brasileira de Letras, Euclides destaca-se, sendo-lhe dada a presidência da instituição por ocasião do falecimento de Machado de Assis, nela permanecendo por breve período, até a posse de Rui Barbosa.

Euclides era um revolucionário. Um gênio revolucionário. Calhou muito bem, perfeitamente, suceder a Magalhães Valentim, e ter como patrono a Castro Alves.

O excelso poeta de *Espumas Flutuantes*, consagrado por sua luta intemorata contra a escravidão dos negros, havia recebido homenagem do pai de Euclides, que lhe dedicou um poema:

### A MORTE DE CASTRO ALVES

À sombra do cipreste ele repousa!  
E a brisa que perpassa em torno à lousa  
Murmura o nome seu!...  
Poeta – despertou cantando amores,  
Criança – ao vicejar da vida as flores  
Sorrindo adormeceu!...  
Oh! Deixai-a na paz dessa ventura...  
Ele que foi do berço à sepultura  
Tão cercado de luz!  
Deixai o sonhador que em doce calma  
Foi tranqüilo depor as flores d’alma  
Nos braços de uma cruz!  
Águia – um dia arrojada lá da altura,  
Viu o mundo através da névoa escura,  
Da negra cerração.  
Voltejou, por instantes, sobre a terra,  
Soprou-lhe o vendaval que a morte encerra,  
Perdeu-se no bulcão!  
Raio de luz na sombra do mistério,  
Semelhou no clarão luzeiro etéreo  
Que cedo se apagou!  
Inspirado cantor nos sonhos d’alma

Viu a glória – tecer do gênio a palma  
Que a fonte lhe adornou;  
É o moço!... no verdor dessa esperança  
Em fria sepultura eis que descansa  
Seu crânio de vulcão!...  
E... poeta – expirou cantando amores,  
Como o cisne a morrer, que envia às flores  
A última canção!

.....  
Oh! Deixai-o na paz dessa ventura!  
Ele que do berço à sepultura  
Tão cercado de luz!  
Se a pátria nele via o seu tesouro,  
Na glória o nome seu em letras d'oiro,  
Já bem perto reluz!...

M.R.P.C.

(Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha)

Euclides era, também, um lutador pela abolição da escravatura e a implantação do regime republicano, o que lhe valeu severa punição, por ato de insubordinação patriótica nas fileiras do Exército brasileiro.

Corria o ano de 1886. Euclides, aos 20 anos de idade, estava matriculado na Escola Militar sob o número 308. O ministro da Guerra, Tomás Coelho, fazia uma visita à Praia Vermelha em dia e hora escolhidos justamente para coincidir com a chegada de Lopes Trovão, líder republicano, que chegava da Europa e deveria ser retumbantemente recepcionado pelos cadetes. Revoltado, Euclides negou-se a prestar continência, e tentou quebrar o sabre. Não o conseguindo, atirou-o aos pés da autoridade.

Não somente Castro Alves, mas também Valentim Magalhães, ao qual Euclides sucedeu na ABL, apresenta-se-nos com muitas



afinidades com o autor de *Os Sertões*. Pugnavam tanto pela Abolição quanto pela República. Escrevia nos jornais, anunciando o surgimento de uma nova ordem social, que denominava de *Ideia Nova*. Idealista e revolucionário, liderava um grupo de jovens intelectuais, que atuavam nos meios de comunicação e nas academias de letras.

Além de *Os Sertões*, outras obras de Euclides contribuíram para enriquecer o acervo literário do Brasil. Debruça-se Almeida Magalhães, em seu artigo “*Euclides historiador*”, sobre *Contrastes e Confrontos, Peru versus Bolívia* e *À Margem da História*.

Diz ele que em *Contrastes e Confrontos*, Euclides mostra suas qualidades de historiador, analisando matéria que outros não abordaram ou o fizeram superficialmente.

Em *Peru versus Bolívia*, afloram as qualidades de historiador, que vai pesquisar em fontes diversas o material necessário, na busca da verdade. São documentos oficiais, velhas monografias e outras fontes, que compulsa para, relacionando esses dados com os obtidos na leitura de escritos de geógrafos, astrônomos, meteorologistas e demarcadores de limites, -- tirar importantes conclusões de interesse da administração nacional.

Encontramos em *À Margem da História* algumas das melhores páginas da historiografia brasileira. Admirável é o capítulo que trata do período que se estende da Independência à República. Trata-se de uma síntese histórica impecável e esclarecedora. Em



---

À *Margem da História*, Euclides mostra-se, além de historiador, sociólogo, geógrafo e ecólogo, sendo o precursor na aplicação desta ciência do meio ambiente à realidade nacional.

Alguns críticos literários observaram que Euclides teria se inspirado e apoiado em subsídios de livros de Joaquim Nabuco, autor de extensa e consagrada obra. Nabuco foi considerado um desbravador do caminho que Euclides palmilhou, nele imprimindo, contudo, o caráter inconfundível do gênio. Seu estilo ímpar, em que caminham harmoniosamente, erudição, eloquência, reflexão e colorido, -- oferece retratos fidedignos das realidades que observou, estudou, analisou e mostrou-nos como ninguém antes o tinha feito. Trabalhando as palavras com maestria, ele se utilizava não somente de seus significados, mas dos sons, que sabia relacionar com aqueles, produzindo textos vívidos, movimentados, cujas sonoridades se encaixavam perfeitamente com os significados, formando um todo compreensível e eloquente! Exemplo disto é a sua página *O Estouro da Boiada*, tema que foi também descrito por Rui Barbosa. Se compararmos os dois trabalhos, constataremos que, embora ambos de certa forma se igualem em excelência, o de Euclides tem mais colorido e movimento...

Euclides defronta-se com o destino em 15 de agosto de 1909, ao tentar acertar as contas com seu desafeto, amante de sua mulher, Dilermando de Assis. A tragédia ocorreu naquela manhã chuvosa de domingo no bairro da Piedade, na cidade do Rio de Janeiro

V elado na Academia Brasileira de Letras, e enterrado, a 16 de agosto, no Cemitério de São João Batista, seu corpo foi transladado, em 15 de agosto de 1982, juntamente com os restos mortais de seu filho, Euclides da Cunha Filho, também alvejado por Dilermando de Assis, anos depois, para um mausoléu em São José do Rio Pardo.

## 8. O esotérico em Euclides da Cunha

Euclides foi perseguido por visões, em suas noites de insônia. Era extremamente nervoso, sendo difícil para ele conciliar o sono. Isso acontecia em Monte Santo, em Queimados e especialmente em Canudos.

Coelho Neto, Firmo Dutra, Eloi Pontes e o próprio Euclides são unânimes em confirmar. Narra Coelho Neto que Euclides se dirigia a cavalo para a ponte de São José do Rio Pardo quando divisou ao longe um vulto branco de mulher. Quando se aproximou, o vulto desapareceu. Comentando, ele disse: “Eu só senti não ter quatro chinelas para correr mais!”

Essa entidade às vezes passava mensagens, anunciando acontecimentos futuros.

Nervosismo, visões, insônia – tudo isso poderia ter sido pesquisado, analisado, e hoje saberíamos muito mais sobre o genial escritor.

Se considerarmos a dedicação de Euclides ao estudo das ciências, com o uso do método científico, veremos com clareza sua indisponibilidade para as ciências esotéricas.

Apaixonado pela ciência materialista, ele simplesmente não deixou espaço para uma maior incursão pelas veredas da espiritualidade... Tudo ele poderia explicar com sua refinada ciência!...

Poder-se-ia até lamentar essa falta de elementos espiritualistas na vivência de Euclides, consentâneos com sua inteligência, vasta cultura e sensibilidade. Todavia, tal não assume grande importância, dada a contribuição extraordinária do genial cientista e escritor...

Afinal, não se deve esperar tudo de todos, mas de cada um o melhor que ele possa dar!

## 9. São José do Rio Pardo e Cantagalo

### Em São José do Rio Pardo

Euclides foi levado a São José do Rio Pardo, em 1896, pelas funções de seu cargo de engenheiro do Estado de São Paulo,. A princípio só, e depois com a família, instalou-se na Rua Floriano Peixoto, esquina da 13 de Maio.

Registram os cronistas que ele se esmerou no trabalho, constituindo-se em exemplo de dedicação e disciplina, qualidades necessárias tanto para a reconstrução da ponte como para a elaboração do livro que o consagraria como um dos melhores escritores brasileiros.

São José do Rio Pardo soube reconhecer e divulgar a importância da atuação de Euclides da Cunha em seu território. O Grêmio Euclides da Cunha, fundado em 1925 por José Honório de Sylos, Jovino de Sylos e Francisco Freire de Almeida Magalhães, sendo Prefeito o coronel José Pereira Martins de Andrade, — tem organizado eventos significativos, que ajudam a manter viva a chama do respeito e da admiração que arde nos



corações de todos os euclidianos espalhados pelos quatro cantos do mundo!

### Em Cantagalo

Embora a juventude estudiosa de Cantagalo tenha, no início do século XX, prestado significativa homenagem ao autor de Os Sertões, colocando uma herma com seu busto em bronze na Praça 15 de

Novembro, mais tarde João XXIII, o povo cantagalense nutria certa mágoa contra Euclides, alegando que o escritor jamais tenha se importado com a terra natal, que não apareceria em sua obra literária, nem, em qualquer ocasião, visitado Cantagalo.

Contra esse posicionamento trabalharam a professora e poetisa Amélia Tomás e os jornalistas Antonio Ferreira de Carvalho e Sebastião A.B. de Carvalho, editores do jornal local O Novo Cantagalo. Sua persistente atuação ajudou na fundação, pelo governo estadual, em Cantagalo, da Casa de Euclides da Cunha, da qual veio a ser diretora a própria professora Amélia Tomás, redatora literária do mencionado jornal.

Mais recentemente, 10/09/1983, o literato Edmo Rodrigues Lutterbach, euclidiano, autor de várias obras sobre o laureado escritor, conseguiu, com alguns companheiros, que fosse levado para Cantagalo, e não para São José do Rio Pardo, que, em 15/08/1982, havia recebido os restos mortais de Euclides — seu encéfalo, conservado numa redoma de vidro. Assim foi feito, e hoje lá se encontra, na Casa de Euclides da Cunha, essa importante peça, despojo do genial cantagalense.

Não só Cantagalo e São José do Rio Pardo reverenciam Euclides da Cunha. Vários municípios brasileiros também o fazem, inclusive um que leva o seu nome, e Canudos, onde ocorreu o drama retratado pelo escritor.

Mas Euclides da Cunha é um vulto universal, com obras traduzidas para diversos idiomas, e aclamadas por estudiosos nos quatro cantos do planeta.

## 10. Euclides, exemplo e inspiração

Patriota, amante da natureza, dedicado ao trabalho e ao dever, esforçando-se sempre para colocar a inteligência a serviço das nobres causas, Euclides da Cunha será sempre um exemplo dignificante a ser imitado pelos seus concidadãos.

Conhecendo sua biografia e lendo os seus livros, constata-se essa saudável realidade, que nos faz crer com mais firmeza ainda nos destinos do Brasil, um país onde florescem inteligências e caracteres de tão alta envergadura.

Sim, porque além de Euclides mostra-nos a história outros grandes exemplos, alguns seus contemporâneos, com os quais Euclides de alguma forma se relacionou, como, por exemplo, Benjamin Constant, Deodoro da Fonseca, Barão do Rio Branco, Marechal Rondon, Alberto Rangel e tantos outros.

Seja no Itamaraty, na Academia Brasileira de Letras, no Instituto Histórico, ou no campo, em São José do Rio Pardo, em Canudos, na Amazônia, Euclides da Cunha aparece como uma figura ímpar de cidadão, de profissional, de desbravador da Terra, das ciências e da literatura.

Assim entenderam os chamados euclidianos, de São José do Rio Pardo, de Cantagalo, de todo o Brasil, que aproveitam todas as ocasiões propícias para homenageá-lo.

Muito já se escreveu, e certamente ainda se escreverá sobre ele, tanto no que se refere à sua vida, como à obra que legou aos pósteros, e que serve de base para estudos em vários campos do conhecimento: geografia, história, geologia, botânica, etnografia, ecologia...

A obra de Euclides vale como uma enciclopédia brasileira, sendo por isso considerada de fundamental importância para o conhecimento do país. E seu autor, certamente, constitui-se num grandioso exemplo de competência, brasilidade e patriotismo.

Todos precisamos de exemplos dignificantes como o que nos mostra o autor de *Os Sertões*, para que sirvam de guia, de

orientação para os nossos jovens, acossados por tantos outros modelos negativos, de violência e corrupção.

Além de exemplo, a vida de Euclides da Cunha serve como inspiração, para todos quantos estejam à procura de novas maneiras de trabalho e produção. Nas ciências, geologia, geografia, ecologia, história, sociologia, assim como nas artes: literatura e todas as manifestações que retratam realidades, como a pintura e a escultura -- encontram-se ideias, modos de sentir e fazer que podem espicaçar a criatividade de quem quer se dedicar a algo de útil e inovador.

## 11. O que Euclides escreveria sobre Cantagalo

*Sebastião . A. B. de Carvalho*

Muitas vezes ouvi, de cantagalenses, gente do povo, queixas contra Euclides da Cunha, que, nascido numa fazenda do distrito de Santa Rita, ganhou projeção internacional, mas nunca se interessou por sua terra natal!

Sim! Euclides apenas uma vez se referiu, em carta, a um lugarejo onde veio ao mundo, mas que não tivera ainda a oportunidade de rever!

As cidades do interior, geralmente, nutrem um forte sentimento de apego e posse em relação aos seus filhos. Quando eles não correspondem, com atos, a esse sentimento, a resultante é uma frustração generalizada, que vara o tempo, perpetuando-se pelas gerações!...

Mas Euclides tem a seu favor duas circunstâncias de sua vida atribulada: a instabilidade de sua família, que passou por várias mudanças de endereço; a tragédia do seu prematuro falecimento, vítima de assassinato. Instado ao cumprimento de importantes e vitais missões científicas e diplomáticas, ele passou a maior parte de sua vida embrenhando-se pela floresta amazônica, varando aquelas plagas, de rios caudalosos, flora e fauna exuberantes, e tribos aguerridas e vizinhos belicosos -- procurando estabelecer com precisão científica, os limites das terras brasileiras.

Os “Sertões” não foi a única obra a ocupar a mente e os esforços materiais do gênio, mas outras realizações igualmente importantes preencheram o seu tempo e gastaram suas energias. Livros como “Peru versus Bolívia”, “Às margens da História”, “Contrastes e Confrontos”, entre outros, inclusive relatórios oficiais de suas missões militares, dão-nos conta da magnífica bagagem legada por Euclides aos pósteros...



Ele muitas vezes reclamou, em cartas aos amigos, de sua labuta como engenheiro, falando da “engenharia ambulante” que era levado a exercer!... Achava que esse trabalho o desviava da sua verdadeira paixão, que era, certamente, a literatura!... Essa literatura que o elevou aos páramos da glória.

Sua vida transcorreu em estudos na Escola Naval, em seu trabalho jornalístico de cobertura da guerra de Canudos, para um jornal de São Paulo, no trabalho de engenharia para a construção da ponte metálica de São José do Rio Pardo, onde escreveu a obra prima que foi Os Sertões.

Morto aos 43 anos de idade, como poderia ter também se dedicado ao estudo do município de Cantagalo? Se o tivesse, certamente teria escrito outro maravilhoso livro, pois iria descortinar para o mundo, fatos de grande interesse científico e cultural.

Cantagalo encerra, em seu seio, fatos condições e configurações extraordinárias, que carecem de estudos, pesquisas, análises e divulgação, pois que são de interesse geral e permanente.

As coisas de Cantagalo podem ser classificadas sob cinco categorias: 1- Geomorfologia; 2- Pré-história; 3- Desbravamento; 4- Agropecuária; 5- Industrialização.

Se Euclides tivesse tido vida, tempo e tranquilidade para conhecer Cantagalo, desde sua geomorfologia até a época atual da industrialização, com as fábricas de cimento, passando pela pré-história, a época das fazendas cafeeiras, após a saga do Mão de Luva, seu desbravador, -- teria produzido mais uma obra de incedível valor literário e científico, apreciada no mundo inteiro!

**GEOGRAFIA** - Euclides iniciaria seus estudos sobre Cantagalo pela Terra, como fez com Canudos.

Começaria a descrever o território do estado do Rio de Janeiro, destacando a região da Serra Fluminense, onde se localiza o município de Cantagalo.

Seriam destacados aspectos geomorfológicos desta antiquíssima região, com a formação de montanhas como o maciço do Caledônia, onde hoje se situa o município de Nova Friburgo, e as planícies de Cachoeiras de Macacu, os antigos Sertões do Macacu, terra explorada pelo desbravador Manoel Henriques, cognominado Mão de Luva, o arrojado garimpeiro de que nos fala o livro “O Tesouro de Cantagalo”.

Quem vem da cidade do Rio de Janeiro em demanda do interior, chegando a Cachoeiras do Macacu, depara-se com a formidável cordilheira da Serra dos Órgãos, que se estende de Cachoeiras em direção aos denominados Sertões dos Índios Brabos, que só podem ser alcançados quando se vencem os altiplanos da referida serra. Isso era muito difícil, sendo feito através de picadas e transporte a lombo de burro, mas hoje dispomos de rodovia ampla e veículos possantes e confortáveis.

Euclides se deteria, certamente, na análise dos terrenos calcários de Cantagalo, onde há interessantes formações, grutas e cavernas como a Pedra Santa, redescoberta em 1959 pelo CEPEC, Centro de Estudos e Pesquisas Euclides da Cunha, e a Gruta do Novo Tempo, descoberta em 1991 pelos pesquisadores Sebastião A.B. de Carvalho e Rosa Maria de Carvalho, diretores do CEPEC, que a fotografaram, mapearam e divulgaram, assim como haviam feito com a Pedra Santa.

No interior dessas grutas calcárias podem-se apreciar espeleotemas de rara beleza, formados pela decomposição do calcário, sob a ação das águas de infiltração. O carbonato de cálcio, gotejando nos salões da gruta, forma estalactites e estalagmites, colunas, cortinas, enfim, uma série de curiosas figuras, que encantam o visitante!

Mais importante talvez do que a beleza das formações, há a possibilidade de estudo das camadas que vão se superpondo com o correr do tempo geológico, estabelecendo um arquivo de

pedra e resíduos fósseis, que relatam condições de um passado remoto, lidas e interpretadas pelo especialista. Não só os animais e vegetais que ali viveram em época remota, mas as condições climáticas e geofísicas se desvelam ao pesquisador.

Pois em Cantagalo encontram-se várias grutas e/ou cavernas, que deveriam ser protegidas num parque estadual, como está propondo o IBAMA, seguindo o exemplo da Prefeitura Municipal de Cantagalo, que, no ano de 1991, publicou decreto de proteção à Gruta da Pedra Santa, então ameaçada de destruição, fato denunciado pelo CEPEC, através da TV Serra-Mar.

#### GRUTA DA PEDRA SANTA



Esta jóia da natureza em Cantagalo, descoberta por Justin Norbert, no século XIX, foi redescoberta pelo antropólogo Sebastião A.B. de Carvalho em 1959. Ele e seu então companheiro de pesquisas, Bento Luiz Lisboa, aparecem na foto da época, à entrada da gruta. Sebastião soube da existência da Pedra Santa, mencionada no livro Terra de Cantagalo, de Acácio Dias. Colocou na pauta do CEPEC e ele e Bento Luiz saíram a campo, acabando por saberem que se localizava em terras da família Lutterbach,

em Euclidelândia. Um membro da família Lutterbach, o saudoso Alexandre, levou-os à entrada da gruta, que foi então explorada, pesquisada e divulgada.

### GRUTA DO NOVO TEMPO



Na foto, o descobridor da Novo Tempo, à entrada da gruta.

Trinta e dois anos após a redescoberta da Pedra Santa, em 1991, os dirigentes do CEPEC, Sebastião e Rosa Maria Carvalho, descobriram uma outra, desta vez no distrito de Boa Sorte. Além de ser maior que a Pedra Santa, a Novo Tempo, que também foi pesquisada, fotografada, mapeada e divulgada pelo CEPEC, ostenta formações ainda mais belas!

**PALEONTOLOGIA** - Mas não pararia por aí a atividade pesquisadora de Euclides da Cunha, se houvesse tido as necessárias condições!

Em Cantagalo foram achados fósseis de animais pré-históricos da era terciária! Mais uma vez o CEPEC atuou pioneiramente, pesquisando e divulgando um precioso documento,

que dá conta de que, por volta de 1887, o engenheiro Jacob van Erven, ao fazer escavações em uma mina de ouro desativada, em Euclidelândia, encontrou fragmentos de ossos de animais da Era Terciária. Remetidos ao órgão oficial, foram estudados e publicou-se um relatório, onde o material é descrito e desenhado. O CEPEC teve acesso a esse relatório, que publica em seu site: [www.nitcult.com.br/cepec.htm](http://www.nitcult.com.br/cepec.htm).

Os animais que viveram na região de Euclidelândia são:

MEGATÉRIO ou PREGUIÇA GIGANTE;

MASTODONTE;

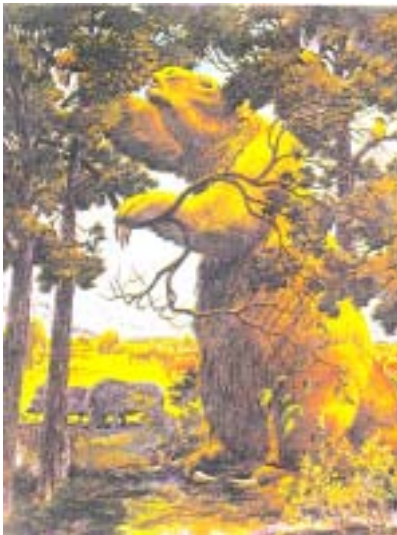
GLIPTODONTE

MAMUTE

CAVALO FÓSSIL

TIGRE DENTE-DE-SABRE

MEGATÉRIO - *O Megatherium americanum* (em latín: *mega*, grande e *therium*, besta) é uma espécie extinta de mamífero placentário desdentado, que viveu durante o Pleistoceno, há cerca



15 milhões de anos na América. Os principais esqueletos conhecidos são dos pampas argentinos, mas em Cantagalo também foram achados fósseis, no distrito de Euclidelândia, pelo engenheiro Jacob van Erven, quando pesquisava uma mina de ouro desativada. Fragmentos de ossos do animal juntamente com os de outras espécies, foram analisados. Extinto há 9.000 anos.

### MASTODONTE e TIGRE DENTE-DE-SABRE

O mastodonte é o precursor do elefante. Adulto, excedia os 6 metros. Tinha ossos mais robustos do que os do elefante, corpo volumoso e cabeça relativamente pequena, sem dentes, a não ser 4 molares a cada lado dos maxilares. Com esses dentes, triturava ramos, frutos e flores, mas também utilizava as unhas para escavar a terra em busca de raízes e tubérculos. Seu enorme corpo era coberto por um espesso pelo, cuja cor variava segundo a idade e o sexo. Tinha patas curtas, pés muito grandes e robustas garras encurvadas. Seu predador era o Tigre dente de sabre.

*Smilodon*, popularmente conhecido como *Tigre-dentes-de-sabre*, é um felino extinto. Surgiu no Plioceno (três milhões de anos atrás), sendo provavelmente um descendente do dente de sabre mais antigo, *Megathereon*, e viveu nas Américas até há dez mil anos.



Foi descrito em 1841 pelo naturalista dinamarquês Wilhelm Lund, que encontrou os primeiros fósseis da espécie, *Smilodon populator* nas cavernas de Lagoa Santa MG.

Estes felinos variavam bastante em tamanho, mas a espécie maior, sul-americana, o *Smilodon populator*, tinha exemplares que mediam mais de três metros de comprimento e pesavam cerca de 400 quilogramas, sendo maiores e mais robustos do que um leão adulto.

Eram estritamente carnívoros, e os seus dentes caninos superiores podiam medir até vinte centímetros de comprimento. Possuíam uma articulação especial da mandíbula que a permitia abrir num ângulo de até 95°.

## MAMUTE

*Mammuthus* é um gênero extinto de mamíferos proboscídeos da família Elephantidae, vulgarmente conhecida como **mamutes**. Existiram desde aproximadamente 4,8 milhões de anos desde cerca



de 3700 anos atrás, nas épocas Plioceno, Pleistoceno e Holoceno (Quaternário). A mais conhecida espécie é o mamute peludo, com fósseis achados na América do Norte, na Eurásia e na África.

A maioria das espécies não eram maiores do que o atual elefante asiático. Existia também uma raça de mamutes peludos na Ilha de Wrangel, ao norte da Sibéria, dentro do Círculo Polar Ártico. Os que viviam nas regiões mais frias, possuíam orelhas que mediam apenas a quinta parte da dos elefantes asiáticos. Esta adaptação ao frio permitia reduzir a perda de temperatura, graças à menor superfície exposta ao ambiente.

Como nos elefantes atuais, a tromba dos mamutes era móvel e pensil, e estava muito bem adaptada para realizar movimentos precisos como arrancar plantas do solo e levá-las à boca. Também as utilizavam para se molharem com água, para se banharem e com barro para se protegerem de mosquitos e outros insetos.

Usando sua tromba, os mamutes adultos ingerían cerca de 180 kg de alimentos diários. Ingerían quase qualquer tipo de vegetal, embora o alimento preferido tenha sido erva.

## GLIPTODONTE

O **gliptodonte** (*Glyptodon clavipes*; do latim *dente de pedra*) é um mamífero extinto, membro da ordem Xenarthra (desdentados) família **Glyptodontidae**. Este animal, relacionado através de um ancestral comum com os

atuais tatus, era nativo das Américas. O gliptodonte media cerca de 3 metros de comprimento e pesava cerca de 1,4 toneladas, sendo equivalente em forma e tamanho a um Volkswagen Fusca.



Herbívoro, pela sua constituição, depreende-

se que não fosse muito ágil. As suas defesas contra os predadores centravam-se na sua carapaça rígida. As diferentes espécies de gliptodonte distinguem-se pelos padrões e tipos de carapaça. Durante milênios, inúmeras dessas carapaças permaneceram vazias ao longo das planícies do Rio Grande do Sul e da Argentina, talvez servindo de abrigo para humanos primitivos da região, uma vez que mediam cerca de 4 metros de comprimento por 1,5 de altura! Fragmentos de ossos de gliptodonte foram achados em Euclidelândia, pelo engenheiro Jacob van Erven, juntamente com

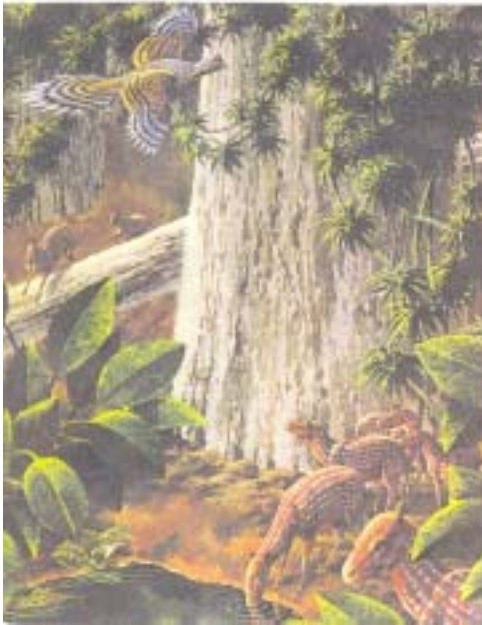


fósseis de outros animais da Era Terciária, conforme descrito em pesquisa do CEPEC.

O gliptodonte surgiu no Plioceno, na América do Sul, migrando depois para Norte, quando o Istmo do Panamá uniu as Américas. Extinguiu-se há aproximadamente 10.000 anos.

### CAVALO FÓSSIL

Sua história termina de modo misterioso. São conhecidos quatro tipos: Eohippus, Orohippus, Mesohippus e Merychippus. Viveu



na Europa e nas Américas, desde cerca de 55 milhões de anos. É interessante observar as transformações, especialmente da cara e dos pés, ocorridos ao longo dos tempos. Elas servem para comprovar a realidade do processo da Evolução. Após viver por tanto tempo nas Américas, tornou-se extinto. Explicar porque isto aconteceu é um desafio para os cientistas. O fato é que

os cavalos desapareceram do hemisfério ocidental, e tiveram que ser trazidos da Europa, há 500 anos, pelos espanhóis. Também foram achados fósseis desse animal, em Euclidelândia, por Jacob van Erven.

## **DESBRAVAMENTO**

(Como descrito no livro O Tesouro de Cantagalo)

### **Desbravamento do território dos Sertões do Macacu - História e Lenda**

Durante muitos anos, cantagalenses e seus vizinhos acreditaram na lenda do Mão de Luva, como sendo um fidalgo que, tendo vivido uma malfadada história de amor com a Rainha Maria I, de Portugal, veio para o Brasil tentar obter riqueza, a fim de, quando as condições políticas se tornassem menos adversas, pudesse retornar à pátria e reconstruir sua vida ao lado da amada, se possível... Essa versão romântica sobre a vida do desbravador dos Sertões do Macacu, denominação da Cantagalo do século XVIII, permaneceu por muito tempo, divulgada por um historiador local, Acácio Ferreira Dias, e uma literata muito respeitada, Amélia Tomás... Também escritores dos municípios vizinhos e o próprio IBGE aceitaram a versão, colocando-a em suas publicações...

Mas um sociólogo contemporâneo, jornalista que se fez em Cantagalo e em Cantagalo viveu fazendo jornalismo e lecionando, — Sebastião Antonio Bastos de Carvalho — sempre desconfiou dessa história e, quando a vida lhe permitiu, após ter-se mudado para

Niterói, lançou-se à pesquisa que outros não puderam fazer, ou não quiseram fazê-lo, fixando-se nas conclusões mais fáceis da imaginação — e tomou conhecimento de fatos comprovados em documentos históricos oficiais, que lhe permitiram provar a evidência da falsidade da versão “romântica” da vida de Manoel Henriques, o Luva, referente ao aludido romance com D. Maria I.

Em seu livro O TESOURO DE CANTAGALO, Sebastião A.B. de Carvalho prova que Manoel Henriques, o célebre Mão de Luva, tinha mulher e filhos e ainda um enteado. Chefiava um clã, do qual faziam parte três irmãos, de nomes Antonio Henriques, Felix da Silva e Ignácio da Silva.

Assinala também o sociólogo-historiador que Mão de Luva era um homem religioso, que tratava bem os índios, ensinando os jovens a rezar. Provando esses fatos, o livro O TESOURO DE CANTAGALO, conquanto singelo, constitui-se no mais importante documento da história de Cantagalo, porque restabelece a verdade dos fatos onde antes existia a deturpação que a falta de pesquisas adequadas e suficientes acarreta.

Derrubada a tese “romântica” da vida do Mão de Luva, não há, contudo, motivo para tristezas por parte dos cantagalenses e demais habitantes dos

municípios que pertenceram aos Sertões do Macacu — pois a realidade de sua vida é, em seu desenrolar e em suas peripécias, ainda mais excitante e romântica do que o falso enredo por tanto tempo divulgado...

### **Portugal e as áreas Proibidas**

A Coroa Portuguesa esmerou-se no combate aos “facinorosos” que invadiam as chamadas áreas proibidas, na busca ao ouro e pedras preciosas. A energia com que o Governador de Minas ordenou a realização da diligência nos Sertões do Macacu, onde o Luva tinha o seu reduto, prende-se ao fato de ter sido pressionado pela Corte do Marquês do Lavradio, Vice-Rei do Estado do Brasil, que exigiu a destruição da mineração clandestina. O Marquês havia recebido uma carta de Lisboa, com ordens análogas. No documento, expedido de Lisboa em 21.01.1786, recomendava-se *“uma ação conjunta Rio de Janeiro - Minas Gerais, a fim de se reprimirem, de uma vez, as continuadas desordens e extorsões que se tem praticado no novo Descoberto do sertão de Cachoeiras de Macacu; estabelecendo-se os mais precisos meios porque deve ser desalojado daqueles sítios, pela tropa de Minas Gerais, o famoso Corpo de Contrabandistas e Extraviadores, que se tem ali congregado...”*

## **Minas versus Rio de Janeiro**

Preso Mão de Luva e seus companheiros, e tomadas as providências referentes ao despojo da área, estabeleceu-se uma celeuma entre o Vice-Rei do Brasil e o Governador de Minas Gerais. Destacamos um trecho de carta-denúncia do Vice-Rei, enviada a Portugal: *“De tudo o referido, bem se conclui que o dito Governador de Minas Gerais, além da má fé com que se tem comportado em todo este negócio, do ódio, e má vontade que tem mostrado às Novas Minas do Macacu, em que esperava ter toda a intervenção, se tem inteiramente oposto às ordens de V.Excia., não querendo proceder contra os culpados, que se lhe recomendaram, nem remeter os escravos extraviadores apreendidos no Sertão, que foram levados para a Cadeia de Vila Rica, e aplicando por seu arbítrio à Real Fazenda daquela Capitania a importância do ouro, dinheiro, bens, e talvez dos ditos escravos, sem sentença que qualifique esta aplicação, preterida e desprezada toda a forma com que as leis mandam proceder em semelhantes casos...”*

### **O trabalho civilizador de Mão de Luva**

Por mais que se esforcem para dele retirarem o mérito, Manoel Henriques, o Mão de Luva, permanecerá sendo

o grande e intrépido desbravador dos Sertões do Macacu, e Cantagalo, município que, tendo sido o maior do mundo na produção cafeeira, nos idos de 1850, - a terra de onde partiu o primeiro grande impulso para a arrancada da industrialização do Brasil!

De acordo com relato do Sargento Mór, São Martinho, Manoel Henriques era um homem bom, religioso, que ensinava os índios a rezar. Contribuiu para o povoamento da região, e abriu caminho para o ciclo econômico que se seguiu à mineração: a agropecuária.

AGROPECUÁRIA -

A FAZENDA CAFEIEIRA FLUMINENSE  
E A INDUSTRIALIZAÇÃO DO BRASIL

**Sebastião Antonio Bastos de Carvalho** (Sociólogo)

Centro de Estudos e Pesquisas Euclides da Cunha - **CEPEC**)



1- INTRODUÇÃO

As propriedades rurais da Província do Rio de Janeiro, que, nos idos de 1860, asseguravam ao Brasil a hegemonia mundial na produção de café, constituíam combinações integradas de fazenda e de plantação, com as implicações econômicas, sociais e políticas pertinentes a esse tipo especial de organização.

Vista como um tipo especial. a fazenda cafeeira fluminense não pode ser corretamente analisada através da aplicação de esquemas que distingam e tratem de modo estanque a “plantação” e a “fazenda”, que podem ensejar uma visão fragmentária e distorcida da realidade, mesmo quando o que se pretenda seja uma análise circunscrita aos primeiros momentos da introdução do cultivo do café. A partir daí, ocorreu não uma simples superposição de estruturas produtoras — mas um processo simbiótico que unificou os elementos da “fazenda”, com seus cultivos tradicionais de subsistência e de produtos destinados ao mercado interno (centros urbanos em expansão) e os elementos característicos da “plantação”, baseada na monocultura e voltada para o mercado internacional.

A diferenciação entre “plantação” e “fazenda” serve, na verdade, para acentuar as suas semelhanças: a) grande extensão territorial; b) marcada separação entre proprietário e trabalhador; c) sistema autoritário de governo; d) economia agrária. Quanto às diferenças, muito atenuadas no caso que estudamos, repousam basicamente nas seguintes características da “plantação”: a) produção destinada ao mercado externo; b) cultivo de um único produto. Esses dois traços assumem proporções menores quando verificamos que a fazenda cafeeira fluminense, antes mesmo de plantar café, já exportava outros produtos, com acentuada predominância de uns poucos. Segundo Simonsen, “À medida que iam decaindo as exportações de ouro e dos diamantes, pelo porto do Rio, foram surgindo as de produtos agrícolas que, no final do século, iriam compensar em boa parte o desfalque nas exportações do metal e das pedras



preciosas” ...”Assim, no ano de 1777...figuram os seguintes produtos, originários da Colônia Brasileira: Arroz, azeite de peixe, couro de bezerro, cravo, pau-brasil, raízes medicinais, tabaco, goma copal, barba de baleia...” (História Econômica do Brasil, tomo II, págs. 192/193). Releva acentuar também que toda fazenda, via de regra, se caracteriza pela ênfase em um determinado cultivo e/ou criação, não obstante sua produção seja bem diversificada. Uma roça de milho continua sendo uma roça de milho, mesmo quando existam mandiocas de permeio!...

A introdução do sistema de plantação na fazenda tradicional, incentivada pelo governo, realizou-se num contexto bastante favorável em relação a esses dois fatores: os proprietários eram homens afeitos às transações internacionais, desde a época da mineração; os escravos estavam acostumados ao amanho da terra, na labuta em suas lavouras de subsistência, sendo o café apenas mais um produto além das culturas tradicionais.

O propósito deste artigo é tentar:

1) Demonstrar que o uso do conceito “PLANTAÇÃO” tem resultado no obscurecimento de fatos econômicos e sociais relevantes à análise da evolução brasileira.

2) Ressaltar a importância da Província do Rio de Janeiro à evolução econômico-social do Brasil, assinalando especialmente que:

2.1. A importância dessa contribuição tem sido relegada ou esquecida por vários autores, provocando-se assim uma distorção no conhecimento da realidade nacional;

2.2. Ao constatarem um processo de “decadência” no Estado do Rio, os autores desviam suas análises para

outras regiões, deixando de detectar fatos altamente significativos, cujo conhecimento é indispensável a uma visão correta do processo econômico-social do País.

## 2- FATORES DE DESENVOLVIMENTO DA LAVOURA CAFEIRA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

O Rio de Janeiro foi o segundo Estado brasileiro no qual se plantou café (1) e o primeiro onde a lavoura alcançou um elevado nível de desenvolvimento. Para tanto, contribuíram *especialmente dois fatores: a) a excelência das terras; b) a existência de uma infra-estrutura rural originalmente organizada para as atividades da mineração.*

O café aclimatou-se perfeitamente nas terras fluminenses, que em poucos anos foram tomadas por extensas plantações, que asseguraram à Província a liderança nacional na produção cafeeira, desde a Independência, em 1822, até 1890, quando é suplantada pela produção paulista.(2)

As antigas propriedades mineradoras, servidas por vias de transporte (caminhos) regulares e já possuidoras de um número considerável de escravos, passaram ao cultivo do café e de outros produtos tropicais. (Simonsen, Hist. Econ. do Brasil, II, págs. 192/193).

O café, como a cana-de-açúcar ou qualquer outro produto de “plantação” cultivado no Brasil, constituiu atividade econômica cuja importância merecerá sempre grande destaque. Isto não deve levar, todavia, ao esquecimento de outros produtos que deram à nossa economia uma base permanente e estável, conquanto menos expressiva.

O isolamento externo em que o Brasil permaneceu em relação ao resto do mundo, mantido por Portugal, que procurava conservar sua colônia a salvo das investidas das outras nações, e mesmo de sua concorrência à metrópole, e o isolamento interno resultante da imensidão do território, desprovido de vias de comunicação suficientes — evidenciaram, logo nos primórdios da colonização, a necessidade de se procurar estabelecer, simultaneamente à exploração de uma atividade econômica compensadora em relação ao mercado internacional, também uma agricultura de subsistência de grande porte. Assim, logo no princípio, lançaram-se as bases de uma organização econômico-social que atendia aos pressupostos de dois tipos — hoje analisados por vários autores de forma distinta — a “plantação” e a “fazenda”.

Tanto na crise da mineração como na do café, o Brasil se manteve como país economicamente viável graças à produção agrícola tradicional, que, além de atender às necessidades internas, ainda pesava nas exportações. Vejamos:

ARROZ - A exportação de arroz, do Brasil para Portugal, iniciou-se no último quartel do século XVIII, pelos portos do Pará, São Luiz e Rio de Janeiro. “Do Pará, de 1770 a 1822, deve ter saído arroz no valor aproximado de 906.000 libras; de São Luiz do Maranhão, mais de 2.000.000 de libras; do Rio de Janeiro, acima de 1.000.000 de libras, no mesmo período. Não será exagero avaliar-se em 4.500.000 de libras o valor das exportações do arroz na era colonial.” (Simonsen, op. cit. pág. 205, rodapé).

MANDIOCA - “A farinha d’água, do norte, a farinha de guerra, dos bandeirantes, a farinha comum, eram todas fabricadas com a mandioca, e serviam de larga base para a alimentação nos tempos coloniais, constituindo ainda objeto de intenso comércio com a África e Portugal. Em 1796, o Rio exportou 16.684 alqueires para Pernambuco e Benguela; 15.962 arrobas de polvilho para Portugal”. (Simonsen, op. cit.,págs. 204/205).

COUROS -”Não será exagero avaliar-se em mais de 100.000 libras anuais, a exportação de couro brasileiro, durante o século XVIII. Comparando-se o consumo de carne do país, o uso do gado bovino como elemento trator, o largo emprego industrial do couro e os aspectos sociais e políticos decorrentes da atividade pecuária, compreende-se o valor da contribuição anual e permanente dessa exportação e os benéficos proveitos que dela resultaram, para a formação política e econômica nacional”. (Simonsen, idem, I-pág.264).

A exportação, em larga escala, de produtos rotulados como “de subsistência”, contraria o esquema largamente utilizado que contrapõe rigidamente a economia “de plantação” à “de subsistência”, como faz Caio Prado Júnior (História Econômica do Brasil).

No quadro sumamente simplificado desses analistas, não há lugar para importantes relações sócio-econômicas e culturais que se desenvolveram em torno dos cultivos tradicionais, que, no entanto, deixaram marcas profundas e persistentes em nosso idioma, em nossa alimentação, em nossa economia, em nossa cultura enfim, como

demonstra Gilberto Freire em “Casa Grande & Senzala”, e o cotidiano dos brasileiros evidencia.

O Estado do Rio de Janeiro, por haver conhecido todos os principais “Ciclos Econômicos” da evolução brasileira (pau-brasil, açúcar, ouro, café, couro) constitui um verdadeiro repositório de vestígios dessas marcadas etapas. Suas fazendas guardam o bastante do passado para permitir-lhe a reconstituição. E nelas encontramos não só as minas de ouro abandonadas em Euclidelândia, os velhos engenhos de Campos e Paratí, os suntuosos palacetes de Cantagalo e Vassouras, mas também a continuidade dos cultivos de arroz, milho, feijão e mandioca, e da criação de gado e outros animais — que alimentaram os habitantes dali e de outros países, e continuam a fazê-lo ali e fora.

A fazenda fluminense que, num período de notável progresso, foi cafeeira, jamais deixou de ser aquela unidade diversificada quase totalmente auto-suficiente, capaz de resistir às bruscas oscilações da economia, graças às bases tradicionais de sustentação. Isto só não é percebido por uma ótica unilateral, que a restringe à estreiteza de um esquema de “Plantação”, sem levar na devida conta a contribuição de outras atividades.

Demoremo-nos um pouco numa visão panorâmica dos verdadeiros testemunhos da grandiosidade desse passado que a Velha Província até hoje ostenta.

Cantagalo é um repositório vivo de um passado grandioso, que pode ser lembrado de forma tangível

nos autênticos testemunhos que constituem a paisagem rural e urbana do município.

Na cidade, os prédios, do mais puro estilo colonial; nos campos, as admiráveis vivendas de suas fazendas, as formosas casas grandes, construídas na época do apogeu da cultura cafeeira, evocando o fausto e a grandeza de um período importantíssimo de nossa evolução econômico-social: a era dos barões do café, quando a fazenda, constituindo-se na unidade econômica primordial, irradiava progresso e criava cultura. Uma época que já se foi, mas que forjou em grande parte o caráter da sociedade atual.

O Palacete do Gavião, situado no primeiro distrito do Município, bem próximo à cidade, constitui talvez a mais importante construção da época, pois que, muito mais que uma casa grande de fazenda, representa a presença real naquelas terras. Sim! D. Pedro II ali esteve hospedado, tendo viajado em coche especial da Estrada de Ferro Cantagalo, admirável idealização de ANTONIO CLEMENTE PINTO, Barão de Nova Friburgo, e realização de seu filho, BERNARDO CLEMENTE PINTO, Conde de Nova Friburgo.

Antonio Clemente Pinto, o Barão de Nova Friburgo, proprietário de cerca de 21 fazendas cafeeiras nos Municípios de Cantagalo e Nova Friburgo, idealizou esse plano grandioso de construir uma via-férrea interligando as suas extensas propriedades, para facilitar o escoamento da produção. Pretendia assim substituir o processo das tropas de muares, que levavam os produtos

das lavouras acondicionados em caixas, balaios e sacos, em difíceis e penosas caminhadas pelos Sertões do Macacu até o Porto das Caixas, de onde partiam para o Rio de Janeiro.

.....

Em Cantagalo, o visitante, atento ao que de interessante e pitoresco existe para se ver, surpreende, numa síntese impressionante, o passado e o presente coexistindo.

E pode sentir o futuro que já se delineia nitidamente não só no trabalho febril que se está desenvolvendo na cidade e no campo em torno da mais nova atividade econômica local: a exploração do calcário para a fabricação do cimento,—mas também no crescente grau de conscientização de seu povo no que se refere à necessidade de preservação de seus recursos naturais, e à reativação da agropecuária, principal atividade e verdadeira vocação do município.

### 3- A PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO E O DESENVOLVIMENTO DO BRASIL

Apesar de haver comandado a produção brasileira de café durante cerca de 40 anos, assegurando ao país a posição de primeiro produtor mundial e fornecendo-lhe a base econômica, assim como a iniciativa da industrialização — a Província do Rio de Janeiro tem aparecido, em vários textos, com a sua importância diminuída, pela ênfase colocada em outras regiões,

notadamente São Paulo, que lhe arrebatou, primeiro, a hegemonia na produção cafeeira e, depois, na produção industrial. O esquecimento a que tem o atual Estado do Rio de Janeiro sido relegado, conduz a uma distorção no conhecimento da realidade nacional, pelo brusco deslocamento das análises, que deixam de perceber importantes relações econômico-sociais ocorridas no período crítico da evolução brasileira que foi a época da abolição da escravatura!

Prendendo-se a dados estatísticos rigidamente circunscritos aos limites das unidades da federação, deixa-se de perceber a mudança verificada na economia fluminense, à qual estava vinculada também a cidade do Rio de Janeiro (município neutro, porém primeiro distrito da Província) — com o deslocamento dos capitais do setor agrícola para o industrial, solução encontrada na tentativa de superação do impasse econômico-social do final do século XIX. **Aos fluminenses coube a iniciativa de empreender os primeiros passos no sentido da industrialização do Brasil.**

#### 4- AUTORES IGNORAM O ESTADO DO RIO

Há vários trabalhos que colocam em plano secundário ou mesmo ignoram a importância do Estado do Rio de Janeiro. Para não nos alongarmos, limitar-nos -emos a apenas dois autores:

MANUEL DIEGUEZ JÚNIOR, em seu artigo “Land Tenure and Use in the Brazilian Plantation System”, ao referir-se às plantações de café e de cana-de-açúcar, enfatiza São Paulo e o nordeste, mencionando o Rio de Janeiro apenas



de passagem. Sobre o café, diz ele: “O café, primeiramente cultivado na área do Rio de Janeiro, estendeu-se para parte de Minas e então para São Paulo. De São Paulo, espalhou-se e continua a espalhar-se até hoje por novas fronteiras, de modo que se encontra agora no Paraná”. (pág. 104). Quanto à cana, refere-se somente ao nordeste, esquecendo-se das regiões de Campos e Parati, nem sequer mencionadas.

EDGARD CARONE, em “A República Velha”, fazendo a “Geografia do Café”, informa: “...desenvolve-se a economia cafeeira nos Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. No início da República, a plantação da rubiácea já se desloca para São Paulo: as lavouras dos dois outros Estados sofrem o desgaste da exaustão das terras...Na Província do Rio, a produção diminuiu de 2.229.000 sacas, em 1880, para 1.309.000 em 1889”...Em todo o capítulo, a ênfase é colocada no progresso de São Paulo e na “decadência” do Rio de Janeiro!

Os leitores desses trabalhos ficam desconhecendo fatos importantes, relacionados ao café, ocorridos em território fluminense. Procuraremos suprir essa lacuna com as informações seguintes:

## 5- PÓLOS DE DESENVOLVIMENTO DA LAVOURA CAFEIEIRA NO RIO DE JANEIRO

Implantada entre 1727 e 1810, a lavoura cafeeira da Província do Rio de Janeiro desenvolveu-se em dois pólos: na REGIÃO OCIDENTAL DO VALE DO PARAÍBA, compreendendo os municípios de RESENDE, BARRA

MANSA, PIRAI, VASSOURAS, SÃO JOÃO MARCOS (Distrito de Rio Claro) e PASSA TRÊS (idem), e na REGIÃO ORIENTAL DO VALE DO PARAÍBA, território da antiga Vila de SÃO PEDRO DE CANTAGALO, que na época englobava terras que hoje pertencem a vários municípios fluminenses, como: SANTA MARIA MADALENA, NOVA FRIBURGO, BOM JARDIM, CORDEIRO, ITAOCARA, TRAJANO DE MORAES, e outros.

Inicialmente, foi a REGIÃO OCIDENTAL que, liderada por Resende, Vassouras, Paraíba do Sul e Valença, proporcionou a maior parte da produção. A partir de 1860, coube à REGIÃO ORIENTAL, vale dizer, a CANTAGALO, deter a hegemonia na Província, e, conseqüentemente, no Brasil.

## 6- A CONTRIBUIÇÃO DO RIO DE JANEIRO NA PRODUÇÃO NACIONAL DE CAFÉ, E A BALANÇA DE COMÉRCIO EXTERIOR

A contribuição da Província do Rio de Janeiro, no decênio 1870/1880 atingiu a 60% da produção nacional, contra 25% de Minas Gerais, 10% de São Paulo e 5% do Espírito Santo. (“Delta-Larousse”, vol. 13, pág. 5849).

Para se fazer uma idéia do que isto representava na economia brasileira, basta assinalar que o valor da exportação do café em relação ao valor total da exportação nacional teve o seguinte comportamento:

Períodos / Percentual

---

1831-1870 40%

1871-1880 66%

1881-1900 60% (sempre acima de)

---

(Fonte: D.L., vol. 13, pág. 5.849)

Conseqüentemente, o comportamento da Balança Comercial do Brasil manteve-se altamente favorável, com saldos positivos, de 1868 até 1900, com exceção dos períodos de 1885/86 e 1888/1890. (“Brasil em Perspectiva” - págs. 143/4).

Examinemos o quadro seguinte, para melhor avaliar a grande importância da contribuição fluminense:

**CAFÉ BRASILEIRO**

**NO MUNDO**

(% sobre a produção mundial)

1820 - 1904

---

PERÍODOS %

---

1820-29 .....	18.18
1830-39 .....	29.70
1840-49 .....	40.00
1850-59 .....	52.09
1860-69 .....	49.07
1870-79 .....	49.09
1880-89 .....	56.63
1890-94 .....	59.70
1895-99 .....	66.68
1900-04 .....	75.64

---

Fonte: B.P. - pág. 139

Alcançando a supremacia mundial no período 1850/59, o Rio de Janeiro manteve-a (com ligeiro declínio em 1860/69 e 1870/79) até 1890/94, quando passou a dividi-la com São Paulo, após 40 anos de liderança.

No que se refere à cana-de-açúcar, aqui mencionada apenas para mostrar o desconhecimento da realidade fluminense, basta atentar para os seguintes fatos:

Em 1799, a Província possuía 616 engenhos de cana (sendo 324 em Campos) e 253 engenhos de aguardente (100 em Parati). “No começo do século XIX, antes que o café iniciasse sua carreira pela Baixada Fluminense, o açúcar e a cachaça serviam ainda de fundamento econômico. A introdução da cana caiana e o aumento do número de engenhos em Campos (400) asseguravam maior produção e exportação. A cachaça, especialmente a de Parati, era o gênero principal de permuta na Costa da África, sobretudo por negros, indispensáveis à lavoura de cana e fabrico do açúcar”. (D.L. idem, pág. 5.848).

Também Caio Prado Júnior refere-se ao Estado do Rio, ao tratar do açúcar: “A única atividade econômica de grandes regiões do País (em particular o litoral do nordeste, e a parte oriental do Estado do Rio de Janeiro), onde se concentra uma população relativamente muito densa”. (“História Econômica do Brasil”, pág. 256/ citado por Carone, op. cit.,pág.52).

## 7- A “DECADÊNCIA” DO RIO DE JANEIRO

Tendo demonstrado o problema da omissão, questionaremos, a seguir, a simples aplicação do termo “decadência” ao Rio de Janeiro, que, a nosso ver, encobre fatos relevantes, assim negligenciados.

Para citar apenas um texto:

“A decadência do Estado do Rio de Janeiro foi resultado da queda da produção cafeeira, inferior à média geral, de 1.400.000 sacas (média do período 1890-1900), da queda da arrecadação do imposto de exportação (baixa de 80% para 305 em 30 anos) e da queda da cotação do café, sem contar o monopólio da exportação pelos exportadores estrangeiros, em sua maioria norte-americanos. Em 1928, o Estado do Rio de Janeiro passaria para o quarto lugar, depois do Espírito Santo, na produção cafeeira.” (D.L. pág.5851).

Fechando-se a análise com o termo “Decadência”, desloca-se a atenção da Província do Rio de Janeiro para a de São Paulo, onde, realmente, tanto o café como a indústria experimentaram notável impulso — mas passe-se por cima de um período crucial, exatamente aquele em que o **salto qualitativo** é realizado — ainda no Rio de Janeiro.

## 8- CONTRIBUIÇÃO DO RIO DE JANEIRO PARA A ARRANCADA DA INDUSTRIALIZAÇÃO DO BRASIL

Foi na Província do Rio de Janeiro que se deu a primeira arrancada de vulto no sentido da industrialização do Brasil.

Abolida a escravatura, capitais oriundos da atividade essencialmente agrícola foram sendo empregados maciçamente em empreendimentos industriais, localizados em vários municípios fluminenses e na cidade do Rio de Janeiro, que, de 1860 a 1889, ainda que

município neutro, era o primeiro distrito da Província, fazendo parte de sua representação política. (D.L. vol. 13 pág. 5.844)

Segundo Rui Barbosa, ocorreu uma verdadeira revolução econômico-social (sic) conseqüentemente à abolição da escravatura. Citando estatísticas industriais, o então Ministro da Fazenda diz, em 1891: “Medido por estes algarismos o nosso progresso, teríamos de concluir que, em 18 meses, desembaraçados do cativo, andamos tanto, quanto em quase meio século sob o peso dele, e que, em menos de um ano, sob a República, nos adiantamos 50% mais do que em toda a duração do regime imperial”. (“Obras Completas” vol. 18 tomo II pág. 158).

Não fica a menor dúvida de que essas realizações eram em grande parte fluminenses, quando Rui, mais adiante, acentua: “...note-se que este cômputo não abrange as empresas, em número considerável, que, tendo a sua sede em Minas, São Paulo e outros Estados, foram lançadas e aqui localizaram as suas ações. São Paulo e Minas têm acompanhado galhardamente esse movimento, podendo-se depreender dos dados cotidianamente fornecidos pela imprensa, que os cometimentos organizados nesses dois Estados elevariam a porcentagem supra-estabelecida a 500 ou 550%”

A porcentagem mencionada pelo Ministro da Fazenda referia-se ao crescimento do capital empregado em empreendimentos industriais, após a abolição da escravatura, acusando o seguinte comportamento:

“Nos 18 meses seguintes a 13 de maio, de..... 97.64%

“Nos 11 subseqüentes a 15/11/1889, de..... 278.78%

“29 meses de 13/05/88 a 20/10/1890, de..... 376.78%

(Fonte: idem, pág. 159).

Com o advento da República, passando a Cidade do Rio de Janeiro a constituir o Distrito Federal, suas estatísticas foram separadas das fluminenses. É por isso que, em 1907, a estatística de produção industrial por Estados apresenta o Estado do Rio em quarto lugar (207 estabelecimentos), abaixo do Rio Grande do Sul (314), São Paulo (326) e do Distrito Federal (662), (CARONE, “A República Velha” - pág. 77), quando, para ser retratada fielmente a realidade econômico-social, os dados do Distrito Federal e do Rio de Janeiro deveriam aparecer em conjunto, ou sejam, 869 estabelecimentos industriais - mais de duas vezes e meia o total de São Paulo (segundo colocado).

Esse resultado globalizado traduziria em números a íntima relação há muito existente entre a Cidade do Rio de Janeiro e o interior fluminense, indicada por vários fatos, dentre os quais a manutenção, por parte dos Barões do Café, de duas residências, uma lá e outra cá. (Cf.: D.L. - vol. 13, pág. 5.850 - referindo-se a Bernardo Clemente Pinto, Conde de Nova Friburgo: cf., também TAUNAY, op. cit., pág. 118, sobre o mesmo).



Graças em grande parte aos investimentos fluminenses, aplicados à indústria, o Brasil possuía, em 1889, 87 estabelecimentos têxteis (CARONE, op. cit. pág. 75).

Da relação de fábricas de tecidos e outras, existentes no Relatório do Ministro da Fazenda — 1891 — consta como possuidora do maior capital, a PETROPOLITANA (4.000:000\$).

Outras empresas cujas razões sociais denunciam a procedência da Província do Rio de Janeiro, aparecem sob os vários títulos da relação: BANCOS - “Fluminense” - Engenhos Centrais: “Agrícola de Campos”, “Pureza”, “Quissamã”, “Parati”, “Difusão Guapimirim”; Estradas de Ferro - “Barão de Araruama”, “Macaé e Campos”, “Maricá”, “Resende e Bocaina”, “União Valenciana”, “Ind., Lav. e Viação de Macaé”, “Teresópolis”, “Vassouras, Pati do Alferes e Petrópolis “Cabo Frio”; Navegações - “São João da Barra e Campos”, “Cantareira e Viação Fluminense”; Seguros - “Argos Fluminense”; Fábricas de tecidos e outras - “Pau Grande”, “Petropolitana”, (já referida), “Indústria Fluminense”, “Moinho Fluminense”, “Tecelagem Fluminense”, “Calçado Fluminense”; Companhias diversas: “Carruagens Fluminenses”, “Mercado Niteroiense”, “Melhoramentos Urbanos de Niterói”, “Melhoramentos da Cidade de Petrópolis”, “Evônias Fluminenses”, “Lavanderia Fluminense”, “Progresso Industrial de Cabo Frio”, “Editora Fluminense”, “Tanoaria Fluminense”. (RUI BARBOSA, op. cit., págs. 151/157).

A relação de Rui Barbosa não indica os municípios em que as empresas estavam localizadas. Isto nos impede de relacionar como fluminenses aquelas que o sendo, não deixam o fato evidenciado em suas razões sociais, o que poderia ter sido averiguado através de uma pesquisa que não empreendemos por julgar suficientes à comprovação de nossa hipótese os fatos já aqui alinhados. As próprias palavras de Rui, transcritas algures neste trabalho, deixam claro que o movimento responsável pelo surto de industrialização do Brasil foi liderado pelo Rio de Janeiro, esforçando-se São Paulo e Minas Gerais, galhardamente, por acompanhá-lo.

Acreditamos haver demonstrado também que a utilização do esquema de Plantação, assimilado de autores estrangeiros, levou alguns nacionais a dedicarem insuficiente atenção à chamada Lavoura de Subsistência, ao contrapo-la à Grande Lavoura, resultando na omissão de fatos importantes.

Outro ponto destacável aponta distorções que ameaçam aqueles que se prendem na análise econômico-social, à rigidez dos limites das divisões políticas dos Estados— quando vários fatores muito mais relevantes os estão unindo.

## 9- BIBLIOGRAFIA

9.1. BARBOSA, RUI - “Obras Completas” - Relatório do Ministro da Fazenda -vol. XVIII,tomo II - Rio de Janeiro, 1891.

9.2. BECKFORD, GEORGE L. - “Persistent Poverty” - Ed. Oxford University Press, N.Y., 1972.

9.3. CARONE, EDGARD - "A República Velha" (2a. Ed.) - Difusão Européia do Livro, S.Paulo, 1972.

9.4. DELTA-LAROUSSE - Enciclopédia - vol. 13, 1972.

9.5. DIAS, ACÁCIO FERREIRA - "Terra de Cantagalo" - Ed. Diário Oficial do Est.do Rio de Janeiro - Niterói, 1942.

9.6. DIEGUEZ JÚNIOR, MANUEL - "Land Tenure and Use in the Brazilian Plantation System" - N.Y.

9.7. HASENBALG, CARLOS A. - "Peasant Movement in Latin America" - University of California, 1971 - mimeo.

9.8. PINTO, VIRGÍLIO NOYA - "Balanço das Transformações Econômicas no Século XIX" - in "Brasil em Perspectiva" - Ed. Dif. Europ. do Livro, S.Paulo, 1969.

9.9. PRADO JUNIOR, CAIO - "História Econômica do Brasil" - Ed. Civilização Brasileira, Rio, 1972.

9.10. SIMONSEN, ROBERTO C. - "História Econômica do Brasil" - tomos I e II, Ed. Cia. Ed. Nacional, S.Paulo, 1944.

9.11. TAUNAY, AFFONSO E. - "Pequena História do Café no Brasil" - Ed. Departamento Nacional do Café, Rio, 1945.

9.12. FREYRE, GILBERTO - "Casa Grande & Senzala" - Ed. J. Olimpio - Rio, 1946.

---

NOTAS:

1) "Francisco de Melo Palheta trouxe de Caiena as primeiras sementes para o Pará, em 1723..." João Alberto Castelo Branco transportou, em 1770, as primeiras mudas para o Rio de Janeiro, e dali se espalhou a cultura para o vale do Paraíba e sul de Minas". -SIMONSEN, Hist. Econ. do Brasil, tomo II, pág. 211.

2) Cf.: Enciclopédia Delta-Larousse - vol. 13, pág. 5.849 - ed. 1971. Também: TAUNAY, "Pequena História do Café no Brasil" - Ed. do Depart. Nacional do Café - Rio de Janeiro, 1945 - págs. 50/51.

---

(Trabalho realizado no Programa de Mestrado em Sociologia do IUPERJ, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Faculdade Cândido Mendes - Rio de Janeiro, 30 de julho de 1974.)

**A matéria das páginas precedentes, trabalhos do CEPEC, mostra como Euclides da Cunha poderia ter produzido estudos de grande valor sobre coisas de Cantagalo, sua terra natal. Tal não foi possível, mas esse município continua sendo uma rica fonte, desde a geomorfologia e a pré-história, até à mineração, à fazenda cafeeira e à industrialização.**

**Cantagalo é para sempre... SEMPER VIGILANS!**

**APÊNDICE I**

Textos de Euclides da Cunha

**O estouro da boiada**

Segue a boiada vagorosamente, à cadência daquele canto triste e preguiçoso. Escanchado, desgraciosamente, na sela, o vaqueiro, que a revê unida e acrescida de novas crias, ruma os lucros prováveis: o que toca ao patrão, e o que lhe toca a ele, pelo trato feito. Vai dali mesmo contando as peças destinadas à feira; considera, aqui, um velho boi que ele conhece há dez anos e nunca levou à feira, mercê de uma amizade antiga; além, um mumbica claudicante, em cujo flanco se enterra estrepe agudo, que é preciso arrancar; mais longe, mascarado, cabeça alta e desafiadora, seguindo apenas guiado pela compressão dos outros, o garrote bravo, que subjugou, pegando-o “de saia”, e derrubando-o, na caatinga; acolá, soberbo, caminhando folgado, porque os demais o respeitam, abrindo-lhe em roda um claro, largo pescoço, envergadura de búfalo, o touro vigoroso, inveja de toda a redondeza, cujas armas regidas e curtas relembram, estaladas, rombas e cheias de terra, guampaços formidáveis, em luta com os rivais possantes, nos logradouros; além, para toda a banda, outras peças, conhecidas todas, revivendo-lhe todas, uma a uma, um incidente, um pormenor qualquer da sua existência primitiva e simples.

E prosseguem, em ordem, lentos, ao toar merencório da cantiga, que parece acalentá-los, embalando-os com o refrão monótono:

E cou mansão

E cou... é cão...

ecoando saudoso nos descampados mudos...

Estouro da boiada

De súbito, porém, ondula um frêmito sulcando, num estremeção

repentino, aqueles centenaes de dorsos luzidios. Há uma parada instantânea. Entrebatem-se, enredam-se, trançam-se e alteiam-se fisingando vivamente o espaço, e inclinam-se, embaralham-se milhares ele chifres. Vibra uma trepidação no solo; e a boiada estoura. . .

A boiada arranca.

Nada explica, às vezes, o acontecimento, aliás vulgar, que é o desespero dos campeiros.

Origina o incidente mais trivial - o súbito vôo rasteiro de uma araquã ou a corrida de um mocó esquivo. Uma rês se espanta e o contágio, uma descarga nervosa subtânea, transfunde o espanto sobre o rebanho inteiro. É um solavanco único, assombroso, atirando, de pancada, por diante, revoltos, misturando-os embolados, em vertiginosos disparos, aqueles maciços corpos tão normalmente tardos e morosos.

E lá se vão: não há mais contê-los ou alcançá-los. Acamam-se as caatingas, árvores dobradas, partidas, estalando em lascas e gravetos; desbordam de repente as baixadas num marulho de chifres; estrepitam, britando e esfarelando as pedras, torrentes de cascos pelos tombadores; rola surdamente pelos tabuleiros ruído soturno e longo de trovão longínquo...

Destroem-se em minutos, feito montes de leivas, antigas roças penosamente cultivadas; extinguem-se, em lameiros revolvidos, as ipueiras rasas; abatem-se, apisoados, os pousos; ou esvaziam-se, deixando-os os habitantes espavoridos, fugindo para os lados, evitando o rumo retilíneo em que se despenha a “arribada” - milhares de corpos que são um corpo único, monstruoso, informe, indescritível, de animal fantástico, precipitado na carreira doida. E sobre este tumulto, arrodando-o, ou arremessando-se impetuoso na esteira de destroços, que deixa após si aquela avalanche viva, largado numa disparada estupenda sobre barrancas, e valos, e

cerros, e galhadas - enristado o ferrão, rédeas soltas, soltos os estribos, estirado sobre o lombilho, preso às crinas do cavalo - o vaqueiro !

Já se lhe tem associado, em caminho, os companheiros, que escutaram, de longe, o estouro da boiada. Renova-se a lida: novos esforços, novos arremessos, novas façanhas, novos riscos e novos perigos a despender, a atravessar e a vencer, até que o boiadao, não já pelo trabalho dos que o encaçam e rebatem pelos flancos senão pelo cansaço, a pouco e pouco afrouxe e estaque, inteiramente abombado.

Reaviam-no à vereda da fazenda; e ressoam, de novo, pelos ermos, entristecedoramente as notas melancólicas do aboiado (...)

### **Do Capítulo III de Os sertões - Euclides da Cunha**

#### **FONTES:**

[www.euclidesdacunha.org.br/](http://www.euclidesdacunha.org.br/)

[www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/sertoos.html](http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/sertoos.html)

## O Sertanejo

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo nervoso dos mestiços neurastênicos do litoral...

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gingante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofreia o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sela. Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. Avança celereamente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. E se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro, ou travar ligeira conversa com um amigo, cai logo - cai é o termo - de cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, em que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade a um tempo ridícula e adorável.

É o homem permanentemente fatigado.

Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene, em tudo: na palavra remorada, no gesto contrafeito, no andar desaprumado, na cadência langorosa das modinhas, na tendência constante à imobilidade e à quietude.



Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude. Nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso. Naquela organização combalida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias. Este contraste impõe-se ao mais leve exame. Revela-se a todo o momento, em todos os pormenores da vida sertaneja - caracterizado sempre pela intercadência impressionadora entre extremos impulsos e apatias longas.

É impossível idear-se cavaleiro mais chucro e deselegante; sem posição, pernas coladas ao bojo da montaria, tronco pendido para a frente e oscilando à feição da andadura dos pequenos cavalos do sertão, desferrados e maltratados, resistentes e rápidos como poucos. Nesta atitude indolente, acompanhando morosamente, a passo, pelas chapadas, o passo tardo das boiadas, o vaqueiro preguiçoso quase transforma o “campeão” que cavalga na rede amolecedora em que atravessa dois terços da existência. Mas se uma rês “alevantada” envereda, esquiva, adiante, pela caatinga garranchenta, ou se uma ponta de gado, ao longe, se trasmalha, ei-lo em momentos transformado, cravando os acicates de rosetas largas nas ilhargas da montaria e partindo como um dardo, atufando-se velozmente nos dédalos inextricáveis das juremas.

Vimo-lo neste steeple-chase bárbaro.

Não há contê-lo, então, no ímpeto. Que se lhe antolhem quebradas, acervos de pedras, coivaras, moiras de espinhos ou barrancas de ribeirões, nada lhe impede encaixar o garrote desgarrado, porque “por onde passa o boi passa o vaqueiro com o seu cavalo”...

Colado ao dorso deste, confundindo-se com ele, graças a pressão dos jarretes firmes, realiza a criação bizarra de um centauro bronco: emergindo inopinadamente nas clareiras; mergulhando nas macegas altas; saltando valos e ipueiras; vingando câmoros alçados; rompendo, célere, pelos espinheirais mordentes; precipitando-se, a toda brida, no largo dos tabuleiros . . .

A sua compleição robusta ostenta-se, nesse momento, em toda a plenitude. Como que é o cavaleiro robusto que empresta vigor ao cavalo pequenino e frágil, sustenta-o nas rédeas improvisadas de caroá, suspendendo-o nas esporas, arrojando-o na carreira - estribando curto, pernas encolhidas, joelhos fincados para a frente, torso colado no arção - “escanchado no rastro” do novilho esquivo: aqui curvando-se agilíssimo, sob um ramalho, que lhe roça quase pela sela; além desmontando, de repente, como um acrobata, agarrado às crinas do animal, para fugir ao embate de um tronco percebido no último momento e galgando, logo depois, num pulo, o selim; - e galopando sempre, através de todos os obstáculos, sopesando à destra sem a perder nunca, sem a deixar no inextricável dos cipoais, a longa agulhada de ponta de ferro encastoadada em couro, que por si só constituiria, noutras mãos, sérios obstáculos à travessia...

Mas terminada a refrega, restituída ao rebanho a rês dominada, ei-lo, de novo caído sobre o lombilho retovado, outra vez desgracioso e inerte, oscilando à feição da andadura lenta’ com a aparência triste de um inválido esmorecido (...).

## PERÚ versus BOLÍVIA (Excerto)

A questão de limites entre a Bolívia e o Peru, submetida pelo Tratado de arbitragem de 31 de dezembro de 1902 ao juízo e decisão do governo argentino, envolve a maior superfície territorial que ainda se discutiu entre dous Estados.

A Bolívia, por comprazer ao desejo expresso da nação colitigante, parte da base de quase mil quilômetros, estendida entre o Madeira e o Javari, da linha divisória do Tratado preliminar de Santo Ildefonso, e reclama todo o território que lhe demora ao sul, limitado a oeste pelo curso do Ucayali até aos formadores do Urubamba e vertentes meridionais do Madre de Dios à esquerda do Inambari, reduzindo a máxima expansão oriental dos domínios peruanos à meridiana do rio Suches, e excluindo-os, inteiramente, dos vales amazônicos que se sucedem do Juruá ao Mamoré. O Peru, baseando-se, fundamentalmente, na mesma linha, exige os mesmos terrenos dilatados, extremando-os no levante com os *thalwegs* do Madeira e do Mamoré até à foz do Iruani, e ao sul com os do Madidi e Tambopata, por maneira a incluir no pleito largas superfícies de terras brasileiras, ao mesmo passo que agrava o *hinterland* boliviano, recalcando-o nas altas nascentes e cursos médios do Mamoré e do Beni.

O esboço cartográfico anexo pormenoriza os principais segmentos do irregularíssimo quadrilátero litigioso - cujas áreas se deduzem, com segurança, em números redondos: Região ao sul do Madre de Dios 93 000 km

Região entre o Madre de Dios, Abunã, Acre Meridional e paralelo 11° 73000 km

Região a oeste da linha Inambari-Javari 130 000 km

Região ao norte do paralelo 11° até a linha de Santo Ildefonso, conforme as últimas pretensões peruanas 424 000 km

TOTAL 720000 km

Destes algarismos derivam-se paralelos que os tornam ainda mais eloqüentes. Assim, a zona controvertida ultrapassa as superfícies de nossos Estados de Minas, Rio de Janeiro e Espírito Santo, que somadas atingirão no máximo a 690 000 quilômetros quadrados; avassalaria o bloco continental, que se constituísse juntando um terço da Espanha e toda a França; abrange mais do triplo do Uruguai; e corresponde a 25 Bêlgicas - o que a torna, de acordo com a densidade demográfica da última, capaz de uma população de 180.000.000 de habitantes, quádrupla da atual da América do Sul, dupla da atual dos Estados Unidos da América do Norte.

Não prolonguemos os confrontos.

Repregamo-los, adrede, de numerosas cifras, por eliminar quaisquer exageros, que os dispensa a realidade surpreendente. O que se vê, e se mede e se calcula, geometricamente, a planímetro e a régua, é a base física capaz de por si só conter uma enorme nacionalidade, e ao atentar-se que precisamente nos seus recessos, ainda não de todo conhecidos, se efetua nestes dias um incomparável povoamento intensivo, atraído pela privilegiada flora geradora da matéria-prima entre todas mais crescentemente exigida pela indústria moderna - põe-se de manifesto que o debate arbitral, em andamento, não entende apenas dos interesses imediatos das Repúblicas litigantes, senão também dos que se ligam, sob várias modalidades, à economia geral, à política, e até à civilização de todo o continente.

Daí, o interesse que desperta é a legitimidade da sua discussão, ao menos durante a litispendência, antes da sentença do juiz soberano e inapelável. Além disto, a este mesmo árbitro não lhe bastará a massa formidável de documentos cartográficos e históricos fornecidos pelos Governos interessados, apequenando-se na tarefa medíocre e exaustiva de contrastar um semnúmero de linhas embaralhadas, e datas no geral inexpressivas; ou derivando

ao pecaminoso

anacronismo de agitar - inteiriços, enrilhados e rígidos - alguns velhos documentos coloniais, diante das exigências mui outras e das fórmulas mais liberais do direito atual entre as nações.

Embora, adstritas à praxe corrente nos deslindamentos hispano-americanos, as duas partes contratantes acordassem no submeter-lhe ao juízo os territórios que em 1810 compartiam as jurisdições das Audiências de Charcas (Bolívia) e de Lima (Peru), de modo que a sentença se haja de calcar, antes de tudo, sobre as antiquíssimas Cédulas reais, os dizeres emperrados da caótica *Recopilación de Leys de Indias*, ou sobre as últimas Ordenanças de intendentes, de 1792 e 1803, é evidente que estas caducas, e não raro contraditórias, resoluções do mais retrógrado imperialismo da história, retardatárias de séculos, no fixarem as raias meramente judiciárias, ou administrativas, das parcelas dos Vice-reinados do Peru e Buenos Aires, contravirão, em muitos pontos, aos limites políticos dos dous Estados constituídos mais tarde com o mais ruidoso repúdio das antigas instituições que os vitimavam.

Basta considerar-se que desde 1824, remate da independência de ambos, eles não jazeram num seqüestro marroquino, ou chinês, próprio a justificar este transplante integral de tão emotas velharias para o nosso tempo. Formaram-se; evoluíram; expandiram-se; e no discurso deste processo histórico, que foi o da organização de suas próprias nacionalidades, vincularam-se, já expressamente, mediante outras decisões e tratados, já pelo intercâmbio inevitável dos interesses e das idéias, a existência das nações limítrofes, determinando deveres e direitos mais legítimos, entre os quais se destacam os relativos aos próprios territórios, que se intentam deslindar com as vetustas barreiras vice-reais, num grande salto mortal de cem anos, flagrantemente violador de toda a continuidade histórica.

Assim, no tocante ao Brasil, ambas as nações litigantes, desde

1851 e 1867, até 1903, pleitearam, à saciedade por vezes, a situação e grandeza das extremas setentrionais e ocidentais daquelas terras. Em debates, em convênios, em tratados, explícitos, solenes, balancearam à luz de outros princípios os interesses recíprocos; e no se firmarem, quer pelos lados do Peru, quer pelos da Bolívia, novos marcos demarcadores, o que sempre se patenteou em todos os documentos, das notas ministeriais às derradeiras instruções aos comissários, foi sobretudo o abandono daquela mesma divisória de Santo Ildefonso - linha mais valiosa do atual litígio - que as duas Repúblicas, urna após outra, reconheceram de todo imprópria a erigir-se em diretriz predominante das novas raias divisórias.

Destruíram-na, ou alteraram-na. O Peru eliminou-a em 1851; a Bolívia transmudou-a na oblíqua de 1867. A imaginosa fronteira que jamais obtivera sanção definitiva das primitivas metrópoles interessadas - conservando-se na história mercê do próprio abandono em que permaneceu o trato mais desconhecido da América do Sul - extinguiu-se com o simples avance dos conhecimentos geográficos, sancionados pelas mais inequívocas convenções políticas e administrativas.

Entretanto, ressurge, de surpresa, agora. Dizem-no os recentes mapas oficiais peruanos, sobre os quais cabeceará, longos dias, o árbitro, no desenredo da questão monótona.

A barreira colonial renasce num majestoso traço imperialista, espichada, e deslocando-se para o norte, golpeantemente, em pleno seio da Amazônia. Depois de tantas resoluções debatidas, afirmadas e ratificadas em numerosos atos oficiais, a República sonhadora do Pacífico abandona, de improviso, os compromissos oriundos da sua existência autônoma e, abdicando a própria altitude política, volve, às recuadas, aos tempos em que ainda não existia, acolhendo-se à placenta morta da metrópole extinta, e revivendo, entre as singularidades desse processo retrospectivo, as

fantasmagorias do Vice-reinado, cujo acabamento foi a primeira condição da sua própria vida.

O caso é original nos registros atrapalhados dos deslindes territoriais.

Realiza-se, em ponto grande, o fato vulgar do geômetra bisonho, a tontear entre os riscos perturbadores de um problema errado, apelando para o recurso extremo de apagar a lousa.

Mas não se passam com o mesmo desafio as esponjas sobre os mapas...

Demonstremo-lo.

Contemplemos nos seus vários aspectos, desde o nascedouro abortício à caduquice lastimável - periclitante e vária, à mercê dos lápis arbitrários dos copistas de mapas - aquela risca fantástica e curiosa de uma espécie de geografia espectral. E deduzam-se, depois, alguns corolários firmes.

Encravado nas terras questionadas, vê-se o território brasileiro do Acre - 191.000 quilômetros quadrados, que são a única circunscrição definida e segura na espessa penumbra geográfica onde em todos os sentidos as fronteiras se diluem.

O nosso interesse é manifesto.

Discutamo-lo.

Vejamos como os lados do amplíssimo quadrilátero litigioso se patenteiam bambeantes e incertos, ou desvaliosos, ou falsos, gravados de discordâncias inexplicáveis entre as posições ora sujeitas ao parecer arbitral e as que até bem pouco tempo lhes marcavam todos os documentos oficiais das Repúblicas contendoras.

E, sobretudo, notemos como a linha geodesia de 1777, assinalada entre o Madeira e o Javari - que por largos anos foi o pior embaraço da nossa diplomacia, e novamente a ameaça, pressuposta uma solução favorável ao Peru - apareceu desde o Tratado de 1750, em que pela primeira vez se delineou, com os

mais evidentes estigmas de inviabilidade.

Sabe-se como se fez o Tratado de 1750.

Até aquele ano a geografia política sul-americana desenhara-se, romanticamente, adscrita ao meridiano de Tordesilhas, que entrava pelo Pará a sair em Santa Catarina, dilatando a soberania espanhola sobre quatro quintos do Novo Mundo. Ainda em pleno século XVII mapas refletem a ingênua e portentosa partilha. Todo o continente mal chega a escrever-se num título vago e magnífico - *Peruvia* - em sete maiúsculas dominantes, alinhadas, em curva apreensora, pelo centro das terras, desde Panamá ao cabo Hom. A alguns cartógrafos não lhes satisfazia a impressão gráfica a entrar, tão viva, pelos olhos espantados ante domínios tão vastos. Aditavam, complacentes: "*Peruvia, íd est, novz orbis pars meridionalis.*"

E a imaginativa desapertava-se-lhes no bosquejarem, pinturescamente, em toda a extensão das cartas, forros dos liames incômodos das fronteiras, tudo quanto o idealismo ensofregado da época engenhara a povoar as novas terras - da "Lagoa dourada", ao norte, ao *Regio gigantum*, da Patagônia, ao sul, passando pelos monumentos da teocracia incomparável dos Incas. De sorte que, por vezes, mal lhes sobrava o espaço para a caricatura de três ou quatro caboclos desfibrados, no extremo oriental, onde se lia, em caracteres diminutos, inapercebido, ou relegado a expansão peninsular do cabo de São Roque, um outro nome, *Brasília*, tendo, não raro, um subtítulo arrepiadoramente epigramático: *Psitacorum regio*.

Ora, na mesma época em que se romanceavam assuntos tão graves, em narrativas lardeadas de extravagantes devaneios, a situação real das paragens debuxadas era mui diversa. A linha imaginaria de Alexandre VI perdera, de fato, a retitude da sua definição astronômica, e partira-se, ou torcera-se, deslocando-se para o ocidente.



Não nos desviemos na tentativa impossível de enfeixar em poucas linhas um movimento histórico, onde incidem os mais complexos motivos das energias étnicas oriundas do caráter excepcional dos nossos mamalucos, as causas administrativas resultantes dos sistemas coloniais, de todo contrapostos, de Portugal e Espanha. O fato é que na plenitude da expansão povoadora, quando a sombria legislação castelhana enclausurava os colonos no círculo intransponível dos distritos,

sob a disciplina dos corregedores, vedando-lhes novos descobrimentos, ou entradas, sob “*pena de muerte y perdimento de todos sus bienes,*”<sup>(1)</sup> os portugueses avançavam mil léguas pelo Amazonas acima, e nas bandas do sul os nossos extraordinários mestiços sertanejos iam do Iguazu as extremas do Mato Grosso, perlongando o valo tortuoso e longo do rio Paraguai.

Os paulistas desarranjavam toda a geografia política sul-americana. Desde o alvorear daquele século delatavam-nos a metrópole castelhana as vozes alarmadas dos missionários e dos Vice-reis, persistentes, clamantes, sucessivas, em cartas, em ofícios, em expressivos informes, que adensados num livro seriam a mais fiel apologia da raça nova e triunfante, naquele irromper tão de golpe e já apercebida de atributos surpreendedores para a conquista da terra. Porque naquelas missivas angustiosas, incontáveis, refletindo a preocupação exclusiva de todos os delegados coloniais, martela, monotonamente, um estribilho único. Este: providências e medidas urgentíssimas “*a contener os portugueses del rio de S. Pablo ...*” E quando cessa é para ceder a variantes piores: em 1638, por exemplo: o licenciado Presidente da Audiência de Charcas, depois de descrever a marcha da invasão, sobrestante no território de Moxos e com energia virtual capaz de a conduzir mais longe, sacudiu, irreverentemente, a sonolência respeitável do venerando Conselho das Índias com uma conjectura apavorante:

“*...puede suceder que ellos se apoderen de las cordilleras del*

*Itatim, y sean señores de todo el corazón del Pírú!...*”

Seriam infundáveis transcrições deste teor.

Abreviemos.

O Tratado de 1750 surgiu imposto por estas conjunturas prementes, que ele mesmo denuncia.

Foi a glorificação da mais extraordinária marcha colonizadora que se conhece, desencadeada para o poente e apisoando os mais rígidos convênios, que se pactuaram entre Tordesilhas e Utrecht. Sancionou o triunfo de uma raça sobre outra. O que se viu, concretamente, maciçamente, depois da sua assinatura, sob o carimbo esmagador do fato consumado, foi que uma crescera, triplicando os primitivos domínios, e que a outra diminuía, ou recuara, a abrigarse, assombrada, no espaldão dos Andes.

E o seu efeito predominante, O seu significado imperecível, consistiu, essencialmente, em deslocar, pela primeira vez, das relações civis para as internacionais, o princípio superior da posse baseado na capacidade para o domínio eficaz e povoamento efetivo das novas regiões.

Porque no tocante as linhas limítrofes, esboçadas, foi vacilante e dúbio.

A sua exegese está nas minutas, cartas, propostas, contrapropostas e proêmios, que se cruzaram entre Aranjuez e Lisboa, na esgrima magistral do espírito vibrátil de Alexandre de Gusmão e a diplomacia cautelosa de Carvajal y Lancaster. E deletreando-os, o que sobretudo se destaca são as incertezas de ambas as metrópoles, na partilha do continente, subordinando-o às divisas naturais, mal definidas ou confusas, no imperfeito dos conhecimentos geográficos.

**FOTOS ANTIGAS**

Extraídas da revista DOM CASMURRO, de 1946, edição dedicada a Euclides da Cunha.



A chegada de Alberto Pinto, como chefe da comissão brasileira de estudos sobre o Rio de Janeiro. Euclides estava à sua esquerda, mas não está visível nesta fotografia. (Reprodução do original)



Euclides da Cunha em formação com os soldados do Exército Brasileiro em São Paulo, 1907. (Reprodução do original)



Foto de 1900, feita em L. Manoel de C. do Rio, Duques de Gama, Rio de Janeiro e a cidade, Portugal, Augusto.



Retrato que deve ter sido tirado na fazenda de Euclides da Cunha em 1900, provavelmente em 1900, provavelmente em 1900, provavelmente em 1900.



HIPOLYTE CEZAR — "Um  
estudioso, mas a margem  
da disciplina e da disciplina  
em si por esse tempo, mas  
o resto do conhecimento que  
ele tem, não é o que  
EUCLIDES DA CUNHA."



TABARES — "Um bom  
soldado, mas não é um  
soldado de verdade. Ele  
é um homem que não  
tem a ideia de disciplina  
e a ideia de disciplina."  
— EUCLIDES DA CUNHA



TOMPAZ FARIAS — "Um  
soldado de verdade, mas  
deveria ser um soldado  
de verdade. Ele não é  
um soldado de verdade,  
mas um soldado de verdade."  
— EUCLIDES DA CUNHA



TOM CALDAS — "Um bom  
soldado, mas não é um  
soldado de verdade. Ele  
é um homem que não  
tem a ideia de disciplina  
e a ideia de disciplina."  
— EUCLIDES DA CUNHA



ARISTON BOTELHO — "Um bom  
soldado, mas não é um  
soldado de verdade. Ele  
é um homem que não  
tem a ideia de disciplina  
e a ideia de disciplina."  
— EUCLIDES DA CUNHA



ANDRÉ BELLO — "Um bom  
soldado, mas não é um  
soldado de verdade. Ele  
é um homem que não  
tem a ideia de disciplina  
e a ideia de disciplina."  
— EUCLIDES DA CUNHA



JOÃO PINHEIRO — "Um bom  
soldado, mas não é um  
soldado de verdade. Ele  
é um homem que não  
tem a ideia de disciplina  
e a ideia de disciplina."  
— EUCLIDES DA CUNHA



LUCIANO DE ALBUQUERQUE — "Um bom  
soldado, mas não é um  
soldado de verdade. Ele  
é um homem que não  
tem a ideia de disciplina  
e a ideia de disciplina."  
— EUCLIDES DA CUNHA



FRANCISCO BELLO — "Um bom  
soldado, mas não é um  
soldado de verdade. Ele  
é um homem que não  
tem a ideia de disciplina  
e a ideia de disciplina."  
— EUCLIDES DA CUNHA



PAULO FIGUEIRA — "Um bom  
soldado, mas não é um  
soldado de verdade. Ele  
é um homem que não  
tem a ideia de disciplina  
e a ideia de disciplina."  
— EUCLIDES DA CUNHA



Em CAMPANHA em 1904. Foto fotografada por Euclides da Cunha (a primeira da direita sentado) ao lado de João Luis...



Euclides aos 87 anos



Euclides, Tenente de Artilharia aos 27 anos



Mãe e única filha de D. Estina Mendes de Góes, mãe de Euclides



Retrato biológico pintado de Euclides, por Dr. Euclides

## **APÊNDICE II**

Dois depoimentos sobre Euclides da Cunha -  
Expressos na revista Dom Casmurro, de 1946.

**De Carlos Chiacchio**

**O GRANDE MAL** - Euclides não teve um amor. Faltou-lhe esse oásis de ternura para os voos repousantes das canseiras. Era-lhe a vida um contínuo duelo com o deserto. E parece encontrava nesse peregrinar sem fim, o derivativo próprio à sua tristeza congeniel e irremediável melancolia. A natureza atraía-o com a força do encanto, que só entre os amigos, mesmo à distância, se lhe deparava: “Misterioso encanto que as distâncias dão às palavras carinhosas dos amigos”. (carta a Domício da Gama). E repetia: “É um encanto este exílio no tempo”. Juntando o “exílio no tempo” ao exílio no espaço, o que se sente é que Euclides não teve um amor. O sentido trágico de sua obra é esse apego desesperado à natureza, sua grande amiga. O apego epistolar a seus amigos, é a outra face típica de sua solidão. Mesmo à volta de suas “quatro enormes saudades”, rolava-lhe o tédio lacerante dessa falha de um carinho apaziguador.. Compreensivo. Enleiante. A nota do desencanto, da angústia, do amargor, ainda que contrabatida pela energia moral sempre presente, não o abandonava a cada trecho de sua caminhada pelo desconhecido. “Vê como descambo a todo o momento para um desalentado pessimismo”. Dizia ele a Francisco Escobar. E, paciente, enervava-se: “Não quero que esta sombra vá empanar a luz dos teus dias mineiros. Ponto. Ponto.” Ponto. Ponto é a deixa da vontade a lutar com o pessimismo, o recalcitrante pessimismo de suas cartas de longe. Ou em tudo.as vezes, e não raro, pungia o desejo da paz que lhe faltava em tudo. “Toda a nossa vida é feita deste tributo permanente às frivolidades que a malignam. Gastam-se dias de agitação bárbara e inútil para se ter

uma meia hora de felicidade e paz, como esta”. (Carta a Alberto Rangel). Isto, e o mais, que seria angustioso respigar em sua correspondência íntima, define, afinal, a carência de um grande amor na sua vida. Não o teve. E reagia, confessando-se: Digo-te mais - a minha maior aspiração seria deixar de uma vez este meio deplorável, com as suas avenidas, os seus automóveis, os seus esmartes e as suas fantasmagorias de civilização pestiada. Como é difícil estudar-se e pensar-se aqui!... Que saudades do meu escritório de folhas de zinco e sarrafos da margem do rio Pardo!” (A Escobar). E, surpreendido, pelo tédio salteador, reflexionava, amargo ao mesmo tempo: “Creio que se persistir nesta agitação estéril, não produzirei mais nada de duradouro. Já fiz dois livros e não sei sair, e ainda sou o autor, dos quantos artigos depois dos Sertões”. E era assim Euclides com este, com aquele, com todos os seus amigos. “Elejo-os sempre incorruptíveis, confessores desta vida”. (Carta a Oliveira Lima). A um, porém, a explosão de súplica suprema por essa paz que não lhe bafejava nunca o espírito. O acento é forte e fundo como um desafoço de Tântalo: “Tranquiliza-me, homem! Imagina as atrapalhões em que vivo... -- Nem de propósito. Quem definirá, um dia, essa Maldade obscura e inconciente das coisas que inspirou aos gregos a concepção indecisa da Fatalidade? Às vezes julgo necessário um Newton na ordem moral, para fixar numa fórmula formidável o curso inflexível da Contrariedade. -- Mas, ponto”. Sempre o ponto, enérgico, incisivo, fatal. -- “Mas, ponto. Sinto que vou escorregandopor uma metafísica horrorosa abaixo, e, cedendo ao declive, não sei onde irei parar. --Adeus”. Isto escrevia ele a Vicente de Carvalho, para depois, meses depois, arrebatado pelo Destino, que até então lhe andava a jogar com a vida “como peteca por este mundo além”, cair na luta, fulminado a tiros como um leão... Euclides não teve um amor à altura do seu gênio. E isso foi um mal para o Brasil.



## **De Firmo Dutra**

EUCLYDES DA CUNHA, Geógrafo e Explorador  
(Trechos escolhidos do artigo)

Organizadas as instruções para a comissão de reconhecimento e exploração do alto Purus, foi Euclides da Cunha nomeado seu chefe e primeiro comissário brasileiro.

Iniciava então o homem que antevira com os “Sertões, todos os problemas raciais e orgânicos do Brasil, sua nova orientação científica, para a qual se preparara desde os tempos da Escola Militar, quando decifrara os segredos da astronomia ou empunhara o sextante e o teodolito nas aulas práticas dadas no Observatório Astronômico do Castelo. Voltava-se sua atividade para o campo maior de sua inteligência, para esse fascinante mistério que é o determinar rumos e coordenadas, fixar pontos desconhecidos, dar-lhes vida certa e projeção exata nas cartas que surgem.

Euclides sente-se tomado de viva satisfação e entrega-se com aquela paixão que o levaria aos últimos assomos, ao preparo da comissão que daria ao Brasil, com sua capacidade de sabere sua bravura de cabloco blindado, o domínio regular e perfeito de terras interminantemente disputadas.

Colabora no preparo das instruções que deviam guiar as comissões, e basta ler o conjunto de detalhes que cerca esse trabalho, para que se compreenda como ele foi estudado e meditado. Não há uma frincha, não se permitiu que ficasse ao arbítrio, mesmo dos incidentes de tempo e espaço, trabalhos de que dependiam as boas relações entre o Brasil e o Peru.

Parte então para Manaus, onde chega nos últimos dias daquele ano de 1904, que tão cheio de altos e baixos fora para os destinos do Brasil.

Foi então que o conheci. Morava a esse tempo com Alberto Rangel, num chalé rústico e romântico, perdido na vila Muni-

pal, lá para as bandas do reservatório do Mocó, onde ainda se encontrava a mais extraordinária flora desse vale -- amazônico, que é um Paraíso perdido, na frase lapidar de Euclides, e ali fora hospedar-se o autor dos “Sertões”.

Minha amizade com Alberto Rangel vinha da Escola Militar da Praia Vermelha, onde cinco anos antes eu entrara menino saído do colégio militar, e tornara-se mais íntima e chegada quando, em junho de 1904, um grande acaso nos defrontou na boca do rio Moa, já nos extremos limites beirando os contrafortes andinos; uma das mais longínquas e então desconhecidas regiões, Rangel descia o rio, doente, em consequência de longa estadia no Juruá-Miriim, onde fôra medir e demarcar os seringais do famoso tenente José Lucas Barbosa, um dos formidáveis e truculentos pioneiros que conquistaram, debravaram e dominaram os altos rios amazônicos, que quase tocam o lendário Urubamba e recebe as rajadas frígidas dos Andes. Eu ali estava fazendo parte da expedição militar enviada para reocupação, mesmo à força, como se deu, de um setor do território nacional -- a embocadura do rio Amona, invadido por forças regulares peruanas.

O último capítulo do “Inferno Verde”, que aliás deu nome ao já trabalhado livro tão discutido, relata o encontro do engenheiro Souto e do jovem alferes-aluno, que outros não eram senão o próprio Rangel e o autor desta conferência.

No primeiro período de sua estadia na capital dos Barés, Euclides ora residia no escritório da Comissão, em preparo de marcha para o desconhecido, até então afrontado apenas pelo heróico caboclo Manuel Urbano, ora permanecia na “Vila Glivinia, em busca de repouso para seu espírito, já trabalhado por visível sofrimento íntimo. Os amigos que o acompanharam por este tempo, puderam avaliar a extrema energia daquele homem de imaginação e sensibilidade, para recalcar dores imensas e organizar uma expedição de caráter científico e diplomático que

se anunciava prenhe de dificuldades e acidentes. Era notável sua preocupação pelo resultado da incumbência que recebera, -- quando nosso dissídio com o Perú ainda estava morno e que poderia tomar rumo ameaçador ante qualquer desentendimento das comissões mistas enviadas pelos dois governos para os pontos cruciais da questão.

Quando em abril Euclides terminou os trabalhos preliminares de troca de poderes, das cópias autênticas e das instruções e mobilização do material de toda espécie para a singradura alongadíssima de mais de três mil quilômetros, estava exausto e profundamente impressionado por ter de iniciar a marcha em estação desaconselhada, com a vasante dos rios quase à porta. Seu memorável Relatório, publicado em 1906, e sua correspondência de então, delatam essa contingência no homem de saber e de observação que de tudo perquiria e se informava.

Os três meses passados em Manaus deram a Euclides um manancial opulento de conhecimentos da região que ia ilustrar com a sua presença. Os documentos preciosos encontrados na biblioteca do Estado, os arquivos do palácio do governo, os mapas, desenhos e roteiros que particulares estudiosos e a Diretoria de Terras guardavam como prova de intrepidez dos exploradores nacionais e estrangeiros, que desvendaram esse mundo novo; esse quase continente que é a Amazônia, da margem direita do Solimões até o sopé dos Andes, foram deletrados com paciência e tenacidade de beneditino, e arquivados em seu cérebro poderoso. Data daí sua comovida admiração pela obra de conquista de Manuel Urbano, o verdadeiro desbravador do alto Purus, e sua veneração por William Chandless, o geógrafo inglês que varou o rio *divagante*, consoante seu dizer bizarro.

Encerrada essa fase delicada de organização, que naquela época exigia cuidados e precaução de todo gênero, rumou o grande escritor com sua expedição, para as paragens quase ignotas, no

extremo limite dos manadeiros que formam o Purus pelo desgalhamento meridional do Urubamba e do Madre de Dios.

Quatro meses de perseverança e de sofrimento foram necessários à comissão brasileira para atingir seu objetivo, pisando terras só então palmilhadas por alguns caucheros, cujas proesas ainda pairam no silêncio de decadência daqueles ermos, como é rememorador o período heróico da riqueza e das arrancadas contra o deserto fascinante. Foi nessa exploração tormentosa e cheia de riscos que a insídia de uma navegação precária oferece ao conquistador destemeroso, que Euclides compreendeu melhor a Amazônia agressiva e misteriosa, cujos dias se dilatam ao sol causticante, e cujas noites atroadas pelo tumultuar da vida multiforme, despertam ânsia e pavor. Vencendo o grande rio e dando ao Brasil sua posse definitiva, assentada pela sua capacidade de geógrafo e explorador, o autor dos “Sertões” escreveu o terceiro e mais importante capítulo de sua gloriosa vida de cientista e patriota. A campanha do Purus, na grande tragédia silenciosa de cada dia, marcada pelo declinar das águas que deixavam à mostra as cachoeiras eriçadas de rochedos e cernes traiçoeiros, assemelha-se muito ao cerco de Canudos, quando faltava alimentação e a tropa se sentia combalida pela fome e pelo arremesso indômito dos jagunços. Não recuou porém, não *afrouxou o garrão*, no grito bravio do chefe militar.

Na derradeira investida, quando chegava ao varadouro que define a mais meridional das nascentes do Purus, foi a expedição, já esgotada em suas últimas reservas de energia, assaltada pela falta absoluta de víveres; o que obrigaria a deixar inexplorado o último rincão escondido à curiosidade patriótica do grande brasileiro. Era uma situação dramática e angustiosa, desenrolando-se no seio da mais remota e assustadora floresta, que cerca de sagrado recato o berço dessas caudais famosas que enchem as páginas de nossa história nas questões de limites com alguns vizinhos: Purus

-- Juruá, Javari. Tal .como assistira e depois narrara, apresentava-se a Euclides o momento decisivo: -- avança, e talvez sacrificar-se , mas vencer e sustentar bem alto o nome brasileiro: ou recuar, certo de salvar-se e os companheiros, mas deixar sem o último e glorioso arremate a missão honrosa e difícil que o Brasil lhe cometera. Não hesitou o homem que com os “Sertões” afrontara o sentimentalismo nacional: --marchou para a frente e lá deixou no varadouro do Coriujá, só antes batido pelos índios de um truculento cauchero, assinalada, para sempre, a passagem do pequeno pujilo de homens guiados pelo estoicismo, pela constância e pela fé inamalgável. Ganhará a expedição brasileira a longa e difícil batalha;dominará o grande rio; conheceu seus meandros e estirões, seus furos e paranás, e fechava com o último episódio o ciclo lendário de sua história. Dava ao Brasil, naquele setor, limites certos, posse definida e definitiva de seu território, concorrendo assim para uma nova era de amizade e confiança, de paz e de tranquilidade no nosso continente.

### **Post Scriptum**

Imaginemos como teria trabalhado Euclides sobre as coisas de Cantagalo, após experiências tão marcantes e estudos tão profundos que realizou na Bahia (Canudos) e na Amazônia!

Tendo conhecido e apreciado atuações vigorosas como as de Manuel Urbano e Alberto Rangel, Euclides certamente se encantaria com Manuel Henriques, o Mão de Luva e seus associados. Apoiaria o desbravador dos Sertões do Macacu, antes “terra dos Índios Brabos” e aplaudiria os esforços dos que, ao correr dos anos, lutaram pelo progresso da Terra Cantagalense!

**SEMPER VIGILANS!**